



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia

# ***Do underground ao mainstream: uma etnografia do Heavy Metal em Brasília***

**Marcos Vinicius De Oliveira Júnior**

**07/35795**

Brasília

2011



# ***Do underground ao mainstream: uma etnografia do Heavy Metal em Brasília***

**Marcos Vinicius De Oliveira Júnior**

**07/35795**

Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia, pela Universidade de Brasília, sob orientação da Profa. Dra. Juliana Braz Dias.

Brasília

2011

## RESUMO

Esta dissertação busca entender o mundo artístico do Heavy Metal em suas especificidades, seus diferentes cenários e sua relação com o mercado musical. Através de uma etnografia do gênero musical Heavy Metal na cidade de Brasília, almeja-se descrever e analisar a lógica de mercado que orienta os produtores desse gênero musical. As informações apresentadas refletem a importância do estudo da manifestação artística em questão para a construção de conhecimento acerca do atual mercado cultural, no Brasil e no mundo.

**Palavras-chave:** Heavy Metal, *Headbangers*, Grupos Urbanos, Mercado Musical, *Underground*, *Mainstream*.

## ABSTRACT

This dissertation seeks to investigate the art world of Heavy Metal in its specificities, its different scenarios and its relationship with the music market. Through an ethnographic approach to the Heavy Metal musical genre at the city of Brasília, this work aims at describing and analyzing the market logic that guides the producers of this musical genre. The information showed here reflects the importance of the study of this phenomenon to the construction of knowledge about current processes of commoditization of culture, in Brazil and abroad.

**Key words:** Heavy Metal, *Headbangers*, Urban Groups, Music Market, *Underground*, *Mainstream*.

## SUMÁRIO

<b>Introdução – O mundo artístico do gênero musical Heavy Metal</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo I – O Heavy Metal nas produções antropológicas</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo II – Uma etnografia do Heavy Metal em Brasília</b>	<b>21</b>
<b>2.1 – O cenário <i>underground</i></b>	<b>26</b>
<b>2.2 – Marreco’s Fest</b>	<b>31</b>
<b>2.3 – Porão do Rock</b>	<b>37</b>
<b>2.4 – Grandes atrações internacionais</b>	<b>48</b>
<b>Capítulo III – O <i>underground</i>, o <i>mainstream</i> e o mercado Heavy Metal no Brasil</b>	<b>50</b>
<b>3.1 – Dia do Heavy Metal brasileiro</b>	<b>52</b>
<b>3.2 – O Heavy Metal e a crise do mercado fonográfico</b>	<b>66</b>
<b>Conclusão</b>	<b>73</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

### O mundo artístico do gênero musical Heavy Metal

Esta dissertação aborda o mundo artístico do gênero musical Heavy Metal. Procura-se entender, mais especificamente, a sua relação com o mercado musical, através da análise de seus diferentes cenários: o *mainstream* e o *underground*. O cenário denominado *mainstream* caracteriza-se por ser um espaço de produção musical inserido na lógica capitalista e disseminado pela mídia de massa. O chamado cenário *underground*, por sua vez, caracteriza-se por ser um espaço de convivência e produção musical marginal e supostamente alheio à lógica capitalista, reproduzindo-se quase que exclusivamente através de meios midiáticos especializados. Pretende-se, através de uma etnografia do gênero musical Heavy Metal na cidade de Brasília, entender a interface entre estes dois cenários e, sobretudo, compreender a lógica de mercado que orienta os produtores desse gênero musical.

O Heavy Metal é um gênero musical claramente distinguível em relação a outros estilos musicais em vários de seus aspectos. Possui características estabelecidas e consolidadas ao longo de sua história no âmbito da forma musical, ou seja, no modo de se produzir música desse gênero – seja no discurso elaborado por meio das letras ou nas inúmeras possibilidades de instrumentação, arranjo, harmonia, ritmo, melodia ou contraponto. Ainda, o Heavy Metal possui características específicas quando identificado a um grupo, que na vivência e experiência da música organizou uma sociabilidade dotada de valores, estética, espaços, condutas e regras próprios.

Tal especificidade é reconhecida pelos músicos, produtores e consumidores do estilo, que por sua vez formam uma rede social global imensurável, associada a um mercado que certamente movimentava vários bilhões de dólares por ano. Este fato pode ser facilmente verificável pela observação da quantidade de *websites*, bandas, escolas destinadas à formação musical especializada no estilo, revistas, rádios e canais de TV, assim como vários outros veículos de comunicação, como as famosas “zines”, populares no meio *underground* e muitas vezes feitas pelos próprios fãs sem fins lucrativos. Somam-se ainda lojas, shows, festivais, CDs, DVDs e produtos personalizados dos mais variáveis – desde

chaveiros, camisetas e outros tipos de vestuário até bonecos, instrumentos musicais e coisas ainda mais inusitadas como camisinhas, brinquedos sexuais e roupas íntimas – destinados ao público apreciador do estilo.

É importante notar que as especificidades do Heavy Metal não são só reconhecidas pelos membros do grupo em questão, mas também pelos que se situam fora dele. O Heavy Metal é ainda hoje, porém em menor proporção do que na década de 1980, um estilo muito bem incorporado nas mídias de massa e na noção *mainstream* de mercado.

Para ilustrar a presença do Heavy Metal nas mídias de massa podemos exemplificar a presença de várias personalidades ilustres deste estilo como as bandas Kiss e Queen e os cantores Alice Cooper e Bret Michaels, que se apresentaram nas finais das duas últimas temporadas – em 2009 e 2010 – do *American Idol*<sup>1</sup>, um dos programas de maior audiência dos Estados Unidos e do mundo. Seguindo a mesma tendência das temporadas passadas, em 2011 o *American Idol*, além de ter incorporado na sua cadeira de jurados o ícone Steven Tyler, da banda Aerosmith, contou com um participante que se declara um verdadeiro representante do universo do Heavy Metal. James Durbin chegou à quarta colocação do programa, tocou várias canções do gênero, incluindo uma intitulada “Heavy Metal”, de Sammy Hagar. James também teve a oportunidade de tocar na etapa final do programa junto a uma das bandas pioneiras do Heavy Metal tradicional, o Judas Priest. Uma das marcas da temporada passada do referido programa foi a campanha encabeçada por James com o lema “*give Metal a chance*”, que pode ser trazido em português como: dêem uma chance ao Metal.

Os artistas de Heavy Metal também estiveram presentes na moda dos *reality shows*. Alguns deles obtiveram bastante sucesso e audiência, como o *The Osbournes*<sup>2</sup> (com a família de Ozzy Osbourne), *Gene Simmons Family Jewels*<sup>3</sup> (com a família de Gene Simmons), *Rock of Love*<sup>4</sup> (com Bret Michaels) e *Supergroup*<sup>5</sup> (com Ted Nugent, Sebastian Bach, Scott Ian, Jason Bonhan e Evan Seinfeld), entre vários outros.

No Brasil, o Heavy Metal também esteve presente em veículos

---

<sup>1</sup> Informações obtidas através da transmissão brasileira pela Sony Entertainment Television e através do *website* <http://www.americanidol.com>

<sup>2</sup> Informações obtidas através da transmissão pela MTV Brasil.

<sup>3</sup> Informações obtidas através da transmissão brasileira pelo canal A&E.

<sup>4</sup> Informações obtidas através da transmissão pela VH1 Brasil.

<sup>5</sup> Informações obtidas através da transmissão pela VH1 Brasil.



importantes do *mainstream*, principalmente na primeira metade da década dos anos 2000. O programa *Total Massacration*, uma sátira aos estereótipos do Heavy Metal feita pelos humoristas do programa Hermes e Renato, ocupou o horário nobre da MTV Brasil e obteve altos índices de audiência enquanto esteve no ar. Na mesma época, houve um crescimento significativo da cena do Heavy Metal nacional. A banda Angra foi premiada com dois discos de ouro consecutivos no Brasil, vendendo cerca de um milhão e meio de cópias do disco *Rebirth*<sup>6</sup>, de 2001, e oitocentas mil cópias do disco *Temple Of Shadows*, de 2004, além de obter grande sucesso nas centenas de shows de suas turnês, quase sempre lotados, assim como na vendas de outros artigos, como o DVD *Rebirth World Tour: Live in São Paulo*. A banda Shaman também não ficou para trás, tendo vendas significativas de seu disco *Ritual*, de 2002, – eleito o melhor disco do ano pela Folha de São Paulo – e *Reason*, de 2005. Além de centenas de shows pelo mundo e do DVD muito bem sucedido *Ritualive*, de 2003, o Shaman teve uma de suas músicas incorporada como parte da trilha sonora da novela da Rede Globo “O Beijo do Vampiro”, feito inédito e até então inimaginável para o Heavy Metal nacional.

Vários dados confirmam que o Heavy Metal tem espaço significativo no mercado *mainstream*, assim como também mostram que sua especificidade é amplamente reconhecida. Não é difícil encontrar sessões separadas para o Heavy Metal em lojas que vendem CDs e DVDs musicais. O Heavy Metal, apesar de ser uma vertente do rock, tem suas fronteiras bem demarcadas e reconhecidas por vários mecanismos de legitimação da própria indústria cultural. O *Grammy Awards* e várias outras premiações contêm categorias específicas para o Heavy Metal, e a revista *Billboard* disponibiliza listas dos mais vendidos no estilo, com critérios bem delimitados.

Alguns dados sobre venda e arrecadação de dinheiro também mostram a inserção do Heavy Metal no mercado musical até hoje. Dados da *Billboard*<sup>7</sup> comprovam que bandas clássicas de Heavy Metal sempre estão entre as 25 turnês mais rentáveis do ano. Em 2009, o AC/DC ficou em quarto na lista divulgada pela *Billboard*, chegando a arrecadar mais de

---

<sup>6</sup> Informações obtidas através do site <http://www.angra.net>

<sup>7</sup> Como visto em <http://www.billboard.com/features/top-25-tours-of-2009-1004053062.story#/features/top-25-tours-of-2009-1004053062.story>, <http://www.billboard.com/features/top-25-tours-of-2010-1004134022.story#/features/top-25-tours-of-2010-1004134022.story> e <http://www.billboard.com/features/top-25-tours-of-2011-1005641362.story#/features/top-25-tours-of-2011-1005641362.story>

135 milhões de dólares, e a banda Metallica ficou em décimo primeiro lugar, arrecadando mais de 79 milhões de dólares. Em 2010, o Bon Jovi – apesar de hoje ser mais considerada como uma banda de pop rock, mas ainda muito presente e com grande influência no cenário do Heavy Metal – teve a turnê mais rentável do ano, acumulando mais de 146 milhões de dólares. O AC/DC ficou em terceiro, arrecadando mais de 123 milhões de dólares, e o Metallica ficou em oitavo lugar, arrecadando mais de 61 milhões de dólares. Em 2011, a banda Bon Jovi teve a segunda turnê mais rentável, arrecadando mais de 192 milhões de dólares. A banda Journey ficou na décima oitava colocação, arrecadando mais de 39 milhões de dólares, e o Iron Maiden ficou em vigésimo, arrecadando mais de 33 milhões de dólares.

Segundo dados da RIAA<sup>8</sup> (Recording Industry Association of America) e outras associações de gravadoras ao redor do mundo, vários álbuns e artistas de Heavy Metal estão entre os que mais venderam na história. Alguns dos artistas que estão no topo da lista são: Led Zepellin, AC/DC, Aerosmith, Metallica, Van Halen, Journey, Guns N’ Roses, Def Leppard, Bon Jovi, Queen, Rush, Ozzy, Motley Crüe, entre outros. De acordo com o sistema Nielsen SoundScan, que começou a ser utilizado em 1991 para contabilizar as vendas oficiais nos EUA, o álbum mais vendido no país é o álbum homônimo da banda Metallica, conhecido como *Black Album*, que vendeu mais de 15,6 milhões de cópias até então.

O Heavy Metal também interage com representantes da chamada “música pop”. Colaborações entre artistas clássicos da cena Heavy Metal com artistas pop de extremo sucesso aconteceram muitas vezes. A participação do lendário guitarrista Eddie Van Halen no solo da música “Beat It”, de Michael Jackson, é ainda hoje para muitos críticos o aspecto responsável por essa canção ter se tornado um *hit* eterno. Este tipo de colaboração continua sendo recorrente e um dos exemplos mais recentes é o trabalho conjunto do vocalista Bret Michaels, da banda intitulada Poison, com a estrela pop adolescente Miley Cyrus em seus últimos álbuns. No Brasil, podemos destacar várias outras situações semelhantes, como a participação de Carlinhos Brown na canção “Ratamahatta”, da banda de Sepultura, e a participação de Milton Nascimento na música “Late Redemption”, da banda Angra. A influência do Heavy Metal perpassa as mais diferentes formas da música pop atual. Padrões melódicos, harmônicos, de produção musical e engenharia de som

---

<sup>8</sup> Como visto em [http://www.riaa.com/goldandplatinum.php?content\\_selector=top-100-albums](http://www.riaa.com/goldandplatinum.php?content_selector=top-100-albums)

característicos do Heavy Metal são hoje vistos com facilidade na música pop e a mesma não poderia ser pensada da forma que é, se o Heavy Metal não existisse.

O Heavy Metal é, sem dúvida, um gênero musical de suma importância para a música popular *mainstream* e a indústria fonográfica, porém não é simplesmente isso que o torna interessante ao estudo antropológico. O Heavy Metal é dotado de uma dinâmica social específica que vai muito além da comercialização e alienação da arte. O gênero musical em questão se originou de uma carga de valores tão fortes e distintos do padrão cultural vigente, que o mesmo acabou por conseguir, ao longo de suas décadas de existência, reunir uma quantidade enorme de pessoas a nível global que passaram a dedicar sua vida ao mundo do Heavy Metal, os denominados *headbangers*<sup>9</sup>.

Este trabalho etnográfico pretende entender, descrever, explicar e mapear o universo do Heavy Metal em seus vários cenários e níveis de organização, tendo como foco a análise da cena no Brasil, especialmente em Brasília-DF. Também compete a esta etnografia analisar aspectos mercadológicos relativos à produção musical desse gênero, tendo como enfoque o constante diálogo que existe entre o cenário *underground* e o *mainstream*, assim como salientar as constantes mudanças na lógica do mercado musical atual, que a cada dia se tornam mais complexas e rápidas, em conjunto com as transformações nas mídias de comunicação.

Para tanto, foi realizada uma extensa pesquisa de campo nos mais diversos ambientes de relacionamento dos *headbangers*, sejam eles espaços físicos ou virtuais. Conheci o Heavy Metal há pouco mais de 13 anos. Meu primo, Pablo, que era baterista e tinha contato com outros músicos, emprestou uma fita cassete com a gravação do álbum “The Divine Wings Of Tragedy” da banda Symphony X para meu irmão, eles estavam escutando a fita quando cheguei da escola. Na época tinha apenas 10 anos de idade e nunca tinha escutado algo parecido. Fiquei fascinado e extremamente curioso. Passei a conhecer muitas outras bandas de Heavy Metal e desde então comecei a me inserir aos poucos na lógica social dos *headbangers*. Depois de um tempo, inspirado pelo Van Halen, passei a estudar música. Estudei guitarra durante alguns anos e posteriormente acabei me direcionando mais ao canto e aos estudos relacionados à

---

<sup>9</sup> A denominação *headbanger* origina-se da prática do *headbanging*, ato comum a fãs e músicos de balançar a cabeça violentamente em shows de Heavy Metal. No Brasil, o *headbanging* também é conhecido como “banguear” e “bater cabeça”.

produção musical, áudio e engenharia de som. O Heavy Metal acabou sendo a minha porta de entrada para a música, através dele ampliei meu conhecimento musical e meu gosto pelos mais diversos gêneros. Em alguns momentos estive mais distante do Heavy Metal, mas ele sempre esteve presente de alguma forma.

Há dois anos resolvi estudar o Heavy Metal a partir de uma perspectiva antropológica, e com isso acabei me integrando completamente na cena em questão, me tornando capaz de realmente entender esse gênero musical e o estilo de vida a ele associado. No período, entrei em contato com várias pessoas importantes para a cena Heavy Metal em Brasília, realizei entrevistas e conversas informais com músicos, produtores e fãs do estilo, assim como frequentei os espaços de convivência dos *headbangers*, incluindo shows, praças, escolas, bares, *websites*, fóruns virtuais e até festas particulares de músicos. Debati com outros *headbangers* sobre a história e o significado do Heavy Metal, estive a par das notícias relativas às grandes discussões de nível nacional, envolvendo o Heavy Metal, assim como também pude acompanhar o dia a dia de bandas e produtores do estilo.

Compete ao primeiro capítulo desta dissertação realizar uma breve revisão bibliográfica do que já foi produzido pela Antropologia acerca do assunto, assim como apresentar o enfoque diferenciado da presente pesquisa, salientando o que a mesma pode acrescentar à discussão já produzida anteriormente.

O capítulo dois apresenta um histórico acerca da origem do movimento Heavy Metal no Brasil e em Brasília, bem como uma análise um pouco mais profunda acerca das características do estilo de vida associado ao Heavy Metal. Apresento a banda Dark Avenger, a primeira banda de Heavy Metal brasileira a conseguir relativo reconhecimento, assim como transcrevo parte da entrevista que realizei com o membro original da banda Leonel Valdez. Também apresento e analiso os relatos de campo que ajudam a entender e distinguir os diferentes espaços do Heavy Metal, partindo do *underground* ao *mainstream*. Nesse capítulo, mapeio os locais de convivência do grupo em Brasília, caracterizo e explico os chamados “showzinhos *undergrounds*”, exemplificando e descrevendo os mesmos. Introduzo também o Marreco’s Fest, o maior festival *underground* de Brasília, apresentando as informações por mim coletadas em entrevista com o produtor do festival Fábio Marreco e também o relato de campo das edições realizadas em 2010 e 2011.

Apresento e analiso ainda o Porão do Rock, o maior festival destinado ao rock em Brasília e que dedica um espaço significativo a atrações de Heavy Metal. Realizo um relato de campo das edições de 2009, 2010 e 2011, nas quais estive presente. Concluo o capítulo argumentando sobre o aumento significativo do número de atrações internacionais do gênero em Brasília, que em sua maioria estão inseridas no cenário *mainstream*. Procuo explicar a influência do aumento de atrações de tal porte na produção do Heavy Metal nacional e, em especial, para o cenário *underground* da cidade de Brasília.

O capítulo três é dedicado a uma discussão mais aprofundada dos termos *underground* e *mainstream*, buscando compreender a influência dos diferentes espaços para a elaboração de tais critérios valorativos, assim como para a lógica de aceitação do indivíduo no universo do Heavy Metal. Dentro dessa análise faço referência aos termos *headbanger* e *poser*, que colocam em contraste os diferentes espaços do Heavy Metal e são necessários para a compreensão da lógica de mercado que envolve a produção do gênero musical em questão. Apresento o que Leite Lopes (2006, p. 92) chama de “projeto romântico de um mundo artístico operário” e a noção de “viver de metal”, valor fundamental no universo do Heavy Metal. Posteriormente, discuto a iniciativa de tentar se criar o “Dia do Heavy Metal brasileiro”. Também apresento um cenário da situação do Heavy Metal na atual crise do mercado fonográfico. Comparo a situação da música pop em relação ao Heavy Metal. Discuto as táticas de divulgação que as bandas costumavam realizar e a influência, neste processo, do avanço tecnológico, das novas mídias de comunicação (em especial a internet), da pirataria, do desenvolvimento e do posicionamento privilegiado do Brasil na crise econômica mundial.

Na conclusão, apresento possíveis estratégias para a preservação e reprodução da cena Heavy Metal no Brasil e em Brasília, saliento a importância desse gênero para a música popular global, assim como friso a importância de estudá-lo antropológicamente e tomá-lo como algo representativo e extremamente presente na cultura brasileira que não deve ser ignorado.

## CAPÍTULO I

### O Heavy Metal nas produções antropológicas

Apesar da importância desse gênero musical nas culturas e sociedades atuais, de forma mais predominante naquelas inseridas na lógica global, o Heavy Metal ainda é negligenciado e vítima de preconceitos tanto por parte de vários ramos e grupos da sociedade que desconhecem ou não conseguem compreender os códigos e valores desse grupo, quanto pelo próprio meio acadêmico que ainda tem pouquíssima produção destinada ao estudo desse fenômeno social, especialmente no Brasil. Poucas produções, sim, visto que ainda há um número pequeno e insuficiente de publicações em revistas especializadas e em monografias, teses de mestrado e doutorado; ainda há falta de exposição e discussão sobre esse assunto nas disciplinas que fazem parte da formação de cientistas sociais nas universidades brasileiras e ainda não há uma etnografia do Heavy Metal em Brasília feita por uma unidade acadêmica. No Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, por exemplo, há cerca de 16 monografias de graduação relacionadas à música, nas quais são contemplados os estilos Hip Hop, Reggae, Rap, Axé, Jazz, Hardcore, Música Eletrônica, Techno, mas nenhum sobre o Heavy Metal. O mesmo se repete nas teses de doutorado, destinadas a World Music, Samba, Pagode, etc.

Nas produções acadêmicas em Antropologia que estudam o Heavy Metal, pude perceber algumas práticas recorrentes. Primeiramente se explica o que é o Heavy Metal como estilo musical, caracterizando e descrevendo os elementos formais da música. Elaborar-se um histórico explicativo sobre o Heavy Metal que localiza a origem e descreve a sua evolução no decorrer do tempo, com o enfoque principal na produção da música. Depois de explicado o gênero musical, passa-se a pensar no Heavy Metal como grupo, dotado de sociabilidade específica em consequência da partilha da experiência e vivência da música. Realiza-se, então, um estudo etnográfico a fim de entender as dinâmicas sociais daquele grupo em um determinado tempo e local. Posteriormente o foco vai para um fato específico de interesse do autor, procurando responder alguma questão particular. É nesse espaço que ocorre o fator diferencial que torna a pesquisa única, capaz de acrescentar algo novo no estudo do Heavy Metal.

A produção acadêmica em Antropologia sobre Heavy Metal é de muita qualidade, abordando vários temas e reflexões importantes e necessárias à compreensão deste gênero musical. Alguns dos autores que abordaram o Heavy Metal a partir de uma perspectiva etnográfica, seja em artigos, monografias, teses de mestrado, doutorado ou documentários, são Leite Lopes (2006 e 2007) e Campoy (2005a, 2005b, 2008 e 2009) no Brasil, Weinstein (1991 e 2000) e Berger (1999) nos EUA, Rocco (2000) na Alemanha, Hein na França (2004). Sam Dunn (2006 e 2008), além de estudar o Heavy Metal no Canadá, na Europa e nos EUA, realizou um documentário em 2008 no qual viajou por São Paulo e Rio de Janeiro, no Brasil; Tóquio, no Japão; Mumbai e Bangalore, na Índia; Pequim, na China; Jacarta, na Indonésia; Jerusalém, em Israel; e Dubai, nos Emirados Árabes Unidos.

Campoy (2005a, 2005b, 2008 e 2009) nos chama atenção para a necessidade de levar em consideração o Heavy Metal em dois registros:

Na música e na identidade do grupo que a experimenta. Ambos evoluem compassadamente, num mesmo ritmo, numa mesma harmonia, tocando uma só melodia. De modo que na intenção de construir uma perspectiva antropológica sobre o *heavy metal* enquanto cultura, não poderíamos escolher, ou melhor, privilegiar, seja a música do estilo, seja o estilo do grupo. De fato, ele é construído na relação entre sua produção, fazer heavy metal, e seu consumo, ouvir heavy metal. É no encontro do sentido da música com o sentido de quem a ouve, que emerge o sentido do nosso objeto (CAMPOYA, 2005, p. 38).

Campoy também reflete muito bem sobre os pontos de apoio teóricos mais adequados ao estudo do Heavy Metal. Para ele, apesar de o Heavy Metal ser um produto comercializado pela *mass media*, a perspectiva crítica dos frankfurtianos não pode se aplicar. Campoy explica que, para Adorno,

Do lado da produção a lógica do capital completa seu domínio social desenvolvendo seus tentáculos sobre a cultura; do lado do consumo o indivíduo adquire mais do mesmo, um produto que só na aparência é distinto, pois sua substância é fundada no idêntico, e quando comprado insere seu comprador mais

radicalmente na lógica do fetiche da mercadoria e da alienação política (CAMPOY, 2005a, p. 38).

Contudo, para Campoy,

Uma etnografia do grupo que faz e ouve *heavy metal* nos mostra que em sua prática um outro espaço, à margem do mercado, veio se formando. Na organização dos shows, na imaginética, na música e nas letras das canções percebemos práticas complementares entre si, construindo um discurso, uma posição cultural (CAMPOY, 2005a, p. 38, 39).

Por essa razão, ao invés de ir pela via teórica estabelecida por Adorno e Horkheimer, Campoy prefere pensar no ponto de inflexão elaborado por Walter Benjamim.

Para Campoy,

O filósofo alemão traz à baila o outro lado do mecanismo da indústria cultural. Ele se pergunta se o público, o receptor, é tão passivo quanto Adorno e Horkheimer imaginam. Para tanto era necessário, ao seu ver, compreender a percepção, o espaço que está entre a produção e a recepção da obra de arte. Numa palavra, na experiência. É nesse *lócus* que Benjamim encontra a possibilidade de um uso, de um manejo, do que é produzido sob uma insígnia de arte (CAMPOY, 2005a, p. 39).

Então, ao contrário das perspectivas de Adorno e Horkheimer, para Campoy (2005a, p.39), “Benjamim pesquisa a penumbra, aquilo que se esconde nas margens da produção cultural, e o que esses poetas e movimentos artísticos malditos revelavam, que não poderia ser notado no centro”. Campoy (2005a, 2005b, 2008 e 2009) chama a atenção para o fato de que, em uma etnografia do *Heavy Metal*, pode-se perceber que a relação da pessoa com o *Heavy Metal* não acaba quando ela “desliga o seu *disc player* ou quando vai para casa após o show. Antes, o manejo do estilo musical, dessa manifestação artística, enquadra relações sociais e molda um código cultural”.



Outro autor que é recorrido para a perspectiva teórica elaborada por Campoy é o Lévi-Strauss, que complementa a idéia de Benjamim. Campoy explica que, para Lévi-Strauss, a música surge:

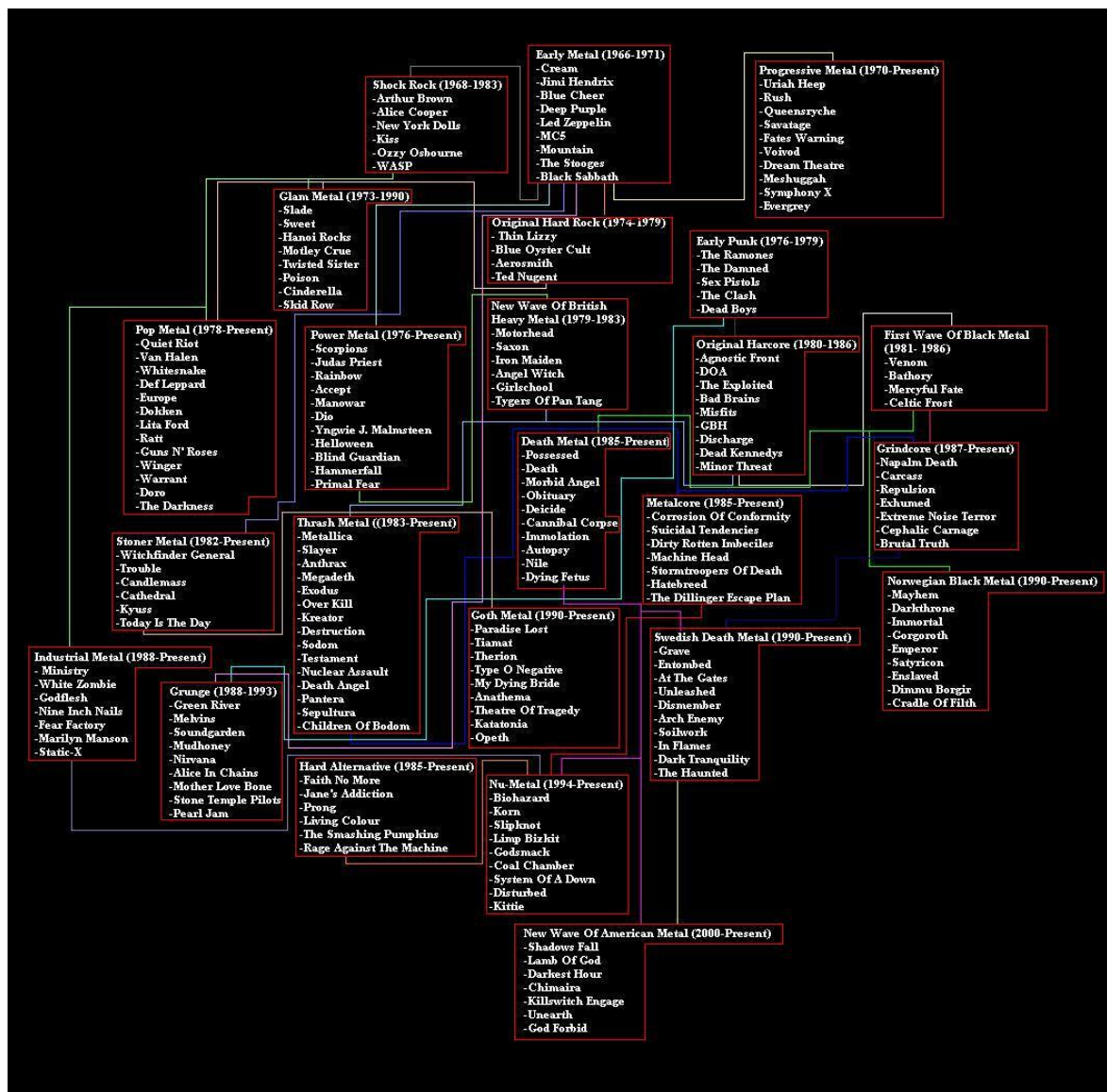
(...) como uma linguagem na qual o executor do seu significado é o ouvinte. É este quem realiza o objetivo da música recebendo-a. Seja ouvindo sua ária preferida, ou assistindo ao show de sua banda predileta, o significado da música faz-se na audição. Ou seja, assim como no mito, a mensagem cultural veiculada na música ressoa naquilo que o ouvinte fará com ela. Lévi-Strauss não está falando apenas de um significado pessoal que a música traria como que confortando o ouvinte perante sua moral. O ato de ouvir música desperta, na estrutura psíquica, reminiscências coletivas. Para Lévi-Strauss a música rege no inconsciente, tal como o mito, uma dança dos signos (CAMPOY, 2005a, p.40).

Campoy, como explicitado anteriormente, explica que o objeto de estudo desse tipo de etnografia deve se focar no grupo, que por sua vez é formado pela experiência do Heavy Metal. Para ele a música pode ser compreendida como um elemento formador de coletivos. A base teórica que completa a possibilidade de pesquisa vem com Jacques Atalli, que explica que a música é mais do que um objeto de estudo; ela é um meio de perceber o mundo. Campoy (2005a, p. 40) explica que, para Atalli, a música é compreendida “como um espelho dos processos sociais”. Tanto a fundação do social quanto sua transformação podem ser identificadas na música – “com a música nasce o poder e seu contrário: a subversão”.

Para Campoy (2005a, p.41), “experimentar a música pode desencadear sociabilidades organizadas a partir da própria experiência”. Dessa forma, a música é mais do que um veículo de comunicação; ela é o próprio fundamento do coletivo, agenciando a formação do grupo.

Leonardo Campoy, além de explicitar a importância de se estudar o Heavy Metal antropologicamente, também aponta para a necessidade de começar a entender todos os subgêneros que vieram do Heavy Metal. Muitos deles acabam tendo características muito especiais, de forma que aproximá-los em excesso ou generalizá-los se torna displicente. Em alguns artigos, o autor se propôs a analisar mais propriamente o *Black Metal*, que partilha de lógicas bem específicas, mais extremistas e muito diferentes de estilos como o *Glam Metal*.

Para compreender melhor a preocupação de Campoy, apresento a seguir uma genealogia do *Heavy Metal* feita por Sam Dunn (2006)<sup>10</sup>.



O caminho que Campoy toma é eficiente e trouxe bons resultados à questão que ele propunha, mas acredito que sua decisão de priorizar o espaço à margem do mercado e de focar no sentido da experiência deixa lacunas importantes para o entendimento e a análise do grupo como um

<sup>10</sup> Imagem disponível em [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b7/Metal\\_Genealogy.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b7/Metal_Genealogy.jpg)

todo. Acredito que uma etnografia do Heavy Metal que não encare a fundo as problemáticas observadas na relação estabelecida entre o grupo e as noções de mercado é insuficiente. Parece-me claro que muitos aspectos da dinâmica social do grupo Heavy Metal estão diretamente relacionados com o discurso e a prática acerca do mercado. As discussões sobre essa lógica são muito mais complexas, elas implicam negociações, diálogos e interferências constantes entre os conceitos de *mainstream* e *underground*. Não se trata simplesmente de espaços bem definidos entre o que está inserido na lógica de mercado dominante e o que está à margem dela. Esses espaços se relacionam de forma direta, constantemente, moldando práticas e valores essenciais à unidade do grupo.

Pedro Alvim Leite Lopes (2006 e 2007) estudou e fez etnografia sobre o *Heavy Metal* no Rio de Janeiro. Pode-se perceber que tanto nos trabalhos dele, quanto nos trabalhos dos vários outros autores que citei, vários pontos são compartilhados. O eixo teórico, a hipótese e a questão principal mudam, mas todos têm certo ponto em comum no que toca à descrição.

O trabalho dele é uma etnografia “acerca de um mundo artístico **revolucionário** (Becker, 1982:34) de origem operária e de expressão nacional e internacional”. Leite Lopes (2006), procura entender uma questão que foi ditada pelos próprios nativos. Ele procura saber “quais seriam os motivos para a intensa discriminação sofrida pelos adeptos e pela música desse mundo artístico”. Em sua tese de doutorado, Leite Lopes (2006) explica sua hipótese:

A temática e estética do heavy metal, em parte sobre os símbolos sagrados (Geertz, 1978:144) ícones do domínio cosmológico do mal no pensamento religioso de diversas tradições, sobretudo a cristã, converteriam esses símbolos tidos como dados (Wagner, 1981) em convenções artísticas construídas, primeiro esvaziando-os de seu poder tabu de coerção (Geertz, 1978:144,149) e medo, em seguida questionando e/ou complexificando a bipartição cosmológica estanque de bem versus mal (alterando assim ethos e visão de mundo via símbolos sagrados – Geertz, 1978), o que termina gerando as reações de demonização e acusações atribuindo poderes maléficos ao gênero e a seus fãs por parte de não adeptos (religiosos das mais diversas tradições, do Rio de Janeiro e de outras paragens, como, por exemplo, os fundamentalistas cristãos norte-americanos – que vêm nas convenções artísticas dessacralizadas, desterritorializadas e construídas do heavy metal a agência da(s) entidade(s) do mal

que tomam por dado; não adeptos das mais diversas cepas, de esquerda e/ou progressistas, - que vêm nos símbolos religiosos dessacralizados do heavy metal alienação, doença mental e ameaça machista de extrema-direita) (Weinstein, 2000; Hein, 2004; Rocco, 2000). (LEITE LOPES, 2006, p.14).

Leite Lopes (2006) mostra que o *Heavy Metal* é um campo fértil da antropologia urbana e dos estudos de “mudança cultural”, conseguindo provar que os símbolos e os códigos não são apenas usados, são também transformados e reinventados.

Boa parte da tese de doutorado de Leite Lopes (2006) se dedica à descrição e análise dos valores e dos discursos produzidos pelos *headbangers*. No que concerne à sua relação com o mercado musical, o ponto mais interessante por ele destacado está na epígrafe “projeto romântico de um mundo artístico operário” (2006, p.92). Procuo me apropriar dessa idéia e aprofundá-la em uma direção não apresentada por Leite Lopes e que a meu ver é de importância inestimável. A característica de o Heavy Metal ser um “projeto romântico de um mundo artístico operário” traz à tona uma série de conflitos e contradições recorrentes na dinâmica social do grupo e na sua relação com o mercado musical, seja ele *underground* ou *mainstream*. Tais questões serão abordadas no decorrer desta dissertação.

## CAPÍTULO II

### Uma etnografia do Heavy Metal em Brasília

Leite Lopes (2006), em sua tese de doutorado, apresenta vários estudos realizados acerca da origem do movimento Heavy Metal no mundo e no Brasil. Tais informações são relevantes para a compreensão das características específicas da dinâmica social do grupo em questão. Apresentarei a seguir alguns pontos elucidados por ele que relaciono com minha experiência em campo a fim de traçar uma história básica à compreensão do tema sobre o qual disserto.

Alguns autores associam a origem do Heavy Metal à desindustrialização e ao resultante caos social e aumento do índice de desemprego sofridos por grupos da camada operária, em especial as do norte da Inglaterra e centro oeste norte-americano, antigos pólos industriais. Assim Leite Lopes (2006) explica que:

Weinstein designa o heavy metal como “blue collar romance”, ressalta sua atitude “proud pariah” {ilustrada pela sentença de Rob Halford em epígrafe: “*O Heavy Metal tem algo do trabalhador injustiçado que mantém a cabeça erguida*” (Rob Halford – Judas Priest – Documentário “Álbuns Clássicos – British Steel”) [LOPES, 2006, p.70]}, enumera características do ethos operário presente nesse mundo artístico (valorização do esforço corporal, disciplina para alcançar o virtuosismo, das técnicas de destreza malabarística, rapidez e precisão manuais, das tecnologias de efeitos sonoros eletrônicos, de instrumentos e de equipamento de shows, de princípios anti-hierárquicos e de uma atitude “anti-comercial”), e associa a origem das primeiras bandas e público inicial aos hippie-bikers dos anos 1970, jovens brancos de sexo masculino de camadas sociais menos favorecidas de países de língua inglesa influenciados pela contracultura dos anos 1960, pelo rock psicodélico e pelo blues rock britânico desse período, bem como pelos *bluesmen* negros norte-americanos, e também afetados pelo fim do sonho de uma revolução jovem dessa mesma contracultura (LEITE LOPES, 2006, p.75).

Outro autor, Walser, também é citado por Leite Lopes (2006). Ele associa a origem do Heavy Metal dos anos 1980 nos Estados Unidos da América a uma época de diminuição de renda da classe média, gerando a primeira geração norte-americana que tinha perspectivas de ganhar

salários menores do que os de seus pais em razão da carência de oportunidades, junto ao aumento da precariedade da assistência social, à crise econômica, assim como ao sucesso dos filmes de terror. O autor mostra, portanto, que a “origem mítica” do gênero Heavy Metal se relaciona diretamente com o início do gênero cinematográfico de terror.

A origem do Heavy Metal no Brasil, porém, apresenta vários pontos distintos. O marco histórico da produção do Heavy Metal nacional data de 13 de novembro de 1982, com o lançamento do LP homônimo da banda Stress, o primeiro álbum do gênero no Brasil. Pode-se dizer, então, que o Heavy Metal chega ao Brasil nos anos 1980, sendo, por sua vez, um fenômeno predominantemente ligado aos jovens, normalmente brancos de classe média, e provenientes dos grandes centros urbanos.

A predominância da classe média nos adeptos do Heavy Metal no Brasil dos anos 80 se dá em razão do capital necessário para a aquisição de CDs e LPs – que na época eram, em sua maioria, importados e de acesso difícil –, instrumentos musicais, além de acesso a mídia especializada – praticamente escassa no país. A primeira mídia musical do hemisfério sul foi a Rock Brigade, publicada pela primeira vez em fevereiro de 1982, ainda como fanzine. Somente depois ela se transformou em revista e gravadora. Vale notar ainda que os adeptos do Heavy Metal necessitavam de acesso a outro tipo de capital: a educação musical formal e o conhecimento da língua inglesa (a qual é utilizada na maioria das músicas do gênero).

Leite Lopes (2006) explica que uma parcela significativa dos fãs e músicos de Heavy Metal do Rio de Janeiro possui nível de educação formal elevado, segundo grau completo, superior e pós-graduação; e que uma importante via de entrada do gênero na vida dos jovens é a prática do RPG (role playing games) e a literatura fantasiosa de J.R.R. Tolkien e congêneres. Vejo o mesmo ocorrer em Brasília e acredito que, sem dúvida, esse é um fator essencial para a identificação de uma parcela de jovens, de classes médias urbanas e de elevado grau de estudos, a um gênero inicialmente operário e de áreas em processo de crises e desindustrialização.

Com o decorrer do tempo, o predomínio desse tipo específico de *headbanger* foi sendo atenuado. Ao longo dos anos 1990 e 2000 houve um aumento considerável no público feminino – principalmente nos subgêneros gótico, melódico e hard rock – e do público negro. Todos passaram a ter mais representatividade tanto como fãs, quanto como músicos. O advento da tecnologia e da popularização da Internet no Brasil também democratizou o acesso ao Heavy Metal, tornando o seu consumo cada vez mais viável para classes de poder aquisitivo mais baixo. Hoje em

dia, o público do Heavy Metal está cada vez mais amplo, com número crescente de adeptos ao estilo, e não há mais como associá-lo a uma classe social específica.

Em Brasília, o Heavy Metal chegou timidamente e demorou a emplacar e cair no gosto de uma parcela significativa da população. Apesar de ser considerada a “Cidade do Rock” – berço de grandes bandas como Legião Urbana, Capital Inicial e Aborto Elétrico – da década de 1980 até meados da década de 1990, Brasília era uma cidade mais voltada ao rock alternativo e ao punk. Havia pouco espaço para o Heavy Metal e o mesmo se concentrava principalmente nas cidades satélites.

Uma das primeiras bandas de Heavy Metal brasiliense a despontar foi o Dark Avenger. Sua “fita demo”, de 1995, recebeu excelentes críticas da mídia especializada e lhe rendeu turnê em vários lugares do Brasil. Em uma entrevista concedida à TV Globo<sup>11</sup>, realizada em 1996, a banda comentou sobre a dificuldade de se fazer Heavy Metal no país e sobre a falta de reconhecimento em Brasília. Eles afirmaram que a quantidade de fãs do Heavy Metal tradicional em Brasília ainda era muito pequena e que o sucesso que eles tiveram se deu graças aos fãs que escutaram a fita demo e saíram distribuindo pelo Brasil e pelo mundo, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Curitiba. A distribuição da fita demo para as revistas especializadas também lhes rendeu uma quantidade considerável de fãs que mandavam cartas do Japão, Turquia, Grécia, EUA, Portugal e Argentina, entre outros países.

Em entrevista, Mário Linhares (vocalista) afirma que o Dark Avenger procura manter-se fiel ao estilo criado pelas grandes bandas dos anos 1980, o Heavy Metal tradicional, “que falam sobre a força de se ser um guerreiro da música, um guerreiro na vida, de acreditar na tua vontade de crescer e fazer música, de viver do Rock N’ Roll”. As letras também contêm temas de crítica social, como a luta pela igualdade social e a revolta diante do descaso. Tais temas são recorrentes e retomam a característica romântica de um mundo artístico operário, que vem da origem do Heavy Metal.

Em minha pesquisa de campo tive a oportunidade de entrevistar o guitarrista Leonel Valdez, que foi um dos integrantes da formação clássica do Dark Avenger. Posteriormente, após se converter à Igreja Evangélica, Leonel passou a ser protagonista importante da cena do subgênero White Metal, nomenclatura utilizada para descrever o Heavy Metal com letras cristãs. Apesar de ter se afastado do Dark Avenger por

---

<sup>11</sup> Como visto em <http://www.youtube.com/watch?v=GAo9X7az9b0>

um bom tempo, o mesmo realizou um show no festival Rolla Pedra em 2009, que reuniu a formação clássica da banda.

Leonel Valdez, além de guitarrista renomado, é produtor musical, arranjador, compositor, intérprete, professor e proprietário de sua própria escola de música. Profissional da música desde o início da década de 90, já participou de inúmeros projetos musicais, gravando CDs e DVDs, dando palestras e workshops, apresentando-se ao vivo, sendo colunista de sites especializados, entre outras coisas. Entre seus principais trabalhos estão: dois álbuns da banda Dark Avenger – “Dark Avenger” (1995) e “Tales Of Avalon” (2000) – nos quais atuou como guitarrista, produtor musical, compositor e arranjador; o primeiro álbum da banda Conexão Vida – “Conexão Vida – Ao Vivo” – no qual atuou como intérprete; o primeiro álbum do Ministério Tomados Pela Glória – “Gera Santidade” – no qual atuou como arranjador e intérprete; três CDs da banda Metal Nobre – “Metal Nobre III”, “Nas Mãos do Senhor” e “Alta Voltagem” – e um DVD – “Nas Mãos do Senhor” – nos quais atuou como intérprete, compositor e arranjador.

Leonel Valdez é uma personalidade importante e reconhecida pela cena do Heavy Metal brasileiro e brasiliense. Tendo em vista sua realidade social, Leonel vivenciou as dificuldades para sobreviver com a produção de uma arte recente que é constantemente vítima de preconceitos. Como brasileiro pôde acompanhar a transição de um país pouco aberto para tais expressões artísticas para um país que representa uma das cenas mais importantes do gênero, com a possibilidade de ascensão de bandas e artistas, alcançando sucesso mundial. Como morador de Brasília, pôde acompanhar a transição de uma cidade nova, sem histórico de produções artístico-culturais do gênero em questão, para uma cidade que a cada dia oferece mais acesso ao entretenimento voltado ao Heavy Metal – por meio de festivais, shows e eventos de grande porte – e à formação de novos artistas do estilo. Prova disso é o crescente número de escolas, alunos e professores que dão espaço, ou até mesmo se dedicam exclusivamente, ao ensino desse estilo musical.

Por fazer parte, ter vivido e acompanhado essa evolução em um período considerável de sua vida, Leonel Valdez se torna uma excelente fonte de informações que ajudam a entender a cena do Heavy Metal brasileiro. A seguir, transcrevo parte da entrevista com ele realizada, ajudando a caracterizar o mundo do Heavy Metal na cidade.



**MO: Conte-me um pouco sobre sua história de vida...**

LV: Eu nasci em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, e ainda criança minha família mudou-se para Brasília por conta do trabalho de meu pai. Ao chegarmos aqui encontramos muitas oportunidades, mas infelizmente meu pai faleceu alguns meses depois. Minha família, que já era pequena, perdeu ainda um primo e meu avô. Com muitas dificuldades, eu e minha irmã conseguimos estudar e ingressar no mercado de trabalho. Foi somente após a maioridade que eu me dei conta de que tinha que ir atrás dos meus sonhos e objetivos de vida, e se quisesse ser alguém, teria que buscar me capacitar.

**MO: Como ocorreu sua entrada no mundo da música?**

LV: Havia em meu pai uma chamada “veia artística”, pois ele pintava quadros, fazia móveis em madeira e outros materiais, além de escrever poemas e gostar de música, mas foi somente aos 18 anos que eu descobri o meu talento para com a música. Comecei a tocar violão e logo me matriculei num curso de guitarra, onde aprendi noções elementares da música, mas por falta de dinheiro para continuar estudando com um professor, tive de me dedicar à música de forma autodidata.

**MO: O Heavy Metal teve alguma influência na sua decisão para se tornar músico profissional?**

LV: Creio que sim, pois quando comecei a estudar, passei também a ouvir diversas bandas de heavy metal. Um amigo fazia questão de gravar em fitas cassete os discos que ele adquiria. Foi através do heavy metal que pude desenvolver minha técnica e destreza no instrumento.

**MO: Quando e como o Heavy Metal passou a fazer parte da sua vida?**

LV: Eu admirava o som produzido pelo grupo PINK FLOYD e meus amigos gostavam de ouvir outras bandas. Eles gravavam fitas e me presenteavam dizendo que eu tinha de conhecer aquele estilo e no futuro tocar daquela forma também.

**MO: Para você, o que o Heavy Metal representa?**

LV: De certa maneira foi a minha escola musical. Hoje vejo que o estilo de música chamado de metal sofre bastante preconceito devido a uma série de variáveis, mas principalmente pelo estereótipo criado por bandas dos anos setenta e oitenta.

**MO: Você foi um dos fundadores do Dark Avenger, que foi uma das primeiras bandas brasileiras de Heavy Metal a adquirirem grande destaque. Como a cena do Heavy Metal brasileiro era antigamente?**

LV: Cada geração tem suas características. Em minha geração pude observar a forma com que se abriram as portas e romperam-se algumas muralhas culturais graças à dedicação, amor e fidelidade ao *estilo de vida metálico* (grifo meu).

O trecho transcrito acima evidencia uma percepção sobre o Heavy Metal que vai além do universo propriamente musical. Para Leonel Valdez, o Heavy Metal reúne música, profissão e estilo de vida na formação do indivíduo “metálico”. Trata-se de uma prática musical com implicações profundas nos diversos aspectos da vida de seus seguidores.

Se, no início da história do Heavy Metal em Brasília, a maior parte dos *headbangers* se encontrava nas cidades satélites, o mesmo não se pode dizer da atualidade. O Heavy Metal ganhou grande popularidade na década de 1990 com o sucesso da banda Sepultura no exterior e seguidamente no Brasil. Mas, principalmente nos anos 2000, tal popularidade foi alavancada pelo sucesso massivo das bandas brasileiras Angra e Shaman, pela visibilidade do programa Total Massacration – sátira às bandas *true metal*, feita pelos humoristas Hermes e Renato – e, sobretudo, pela consolidação do processo democrático, dos avanços nas tecnologias de comunicação, assim como do crescimento e da estabilidade econômica do Brasil. Hoje em dia, encontrar bandas ou pessoas que gostam e freqüentam os ambientes Heavy Metal é extremamente fácil.

## **2.1 - O cenário *underground***

A cena *underground* é marginal em sua essência. Encontra-se longe ou, em algumas ocasiões, até em oposição direta ao centro do poder simbólico de nossa sociedade. A sua dinâmica social de relativa independência faz desse espaço o mais importante para a vivência do Heavy Metal. Ele pode ser tomado como o responsável principal pela enorme longevidade do gênero e sua expansão no decorrer das décadas subseqüentes a sua origem.

O cenário *underground* não se resume somente aos shows – que seria o evento máximo dos *headbangers* – mas a ele competem todos os locais de convivência e vivência do Heavy Metal. Aqui estão as praças, lojas especializadas, bares, clubes, centros comerciais, *pubs*, escolas de música, sejam eles palco de shows ou não. Em Bogotá, na Colômbia, há até uma Igreja Cristã Pentecostal voltada para o Heavy Metal, chamada Pantokrator<sup>12</sup>, cujo significado é “O Todo Poderoso”.

Primeiramente, é importante elucidar que o caráter marginal do Heavy Metal torna os espaços para a vivência do mesmo mais suscetíveis a mudanças. Durante minha vida, em Brasília, presenciei vários espaços surgirem, crescerem, viverem seu auge e depois acabarem, pelos mais diversos motivos. Alguns ainda conseguem preservar o seu nome, mas mudam de localidade.

O fenômeno mais expressivo desse tipo em Brasília remete aos encontros de sexta-feira na área externa do Shopping Pátio Brasil, que ocorreu do início até meados da primeira década dos anos 2000. Nesse período, o Heavy Metal estava em alta e obtinha um sucesso comercial expressivo, o que alavancou uma nova geração de *headbangers*. O ponto de encontro começou primeiramente no Venâncio 2000, shopping ao lado do Pátio Brasil e menos elitizado, no qual os roqueiros tinham a liberdade de entrar e ficar à vontade. No Venâncio 2000 havia até uma loja especializada em artigos relacionados ao RPG – Role Playing Games – e outros produtos do tipo. Pouco a pouco o número de pessoas que se encontravam foi aumentando e o local de concentração de pessoas foi se expandindo ao Pátio Brasil. Toda sexta-feira centenas de pessoas, em sua maioria adolescentes, se encontravam na área externa do Pátio Brasil para conversar, beber e se relacionar. Eles também transitavam principalmente para o Venâncio 2000 e para o Setor Comercial Sul para comprar bebidas, comer, ir a bares, etc. Ocasionalmente, dependendo se tivesse algum evento ou não, também era comum o trânsito das pessoas do Pátio Brasil para o Shopping Conic e para o Parque da Cidade. O tempo passou e a fama do local acabou atraindo atenção demais. Muitos membros de gangues começaram a frequentar o local para brigar com os roqueiros e causar confusão, fazendo com que a presença da polícia se tornasse necessária. Com as constantes brigas, a segurança do Shopping e a Polícia aumentaram a vigilância e começaram a impedir que os roqueiros se encontrassem e se alojassem naquele local. Pouco a pouco as pessoas pararam de frequentar o local, que deixou de ser um ponto de encontro.

Após o término dos encontros no Pátio Brasil, houve uma tentativa de reunir essas mesmas pessoas na praça da sorveteria Palato, localizada na quadra 309 norte. O local serviu como ponto de encontro durante um

---

<sup>12</sup> Como visto em <http://www.youtube.com/watch?v=Bars4gg1ThI>

bom tempo e, pouco a pouco, foi perdendo o movimento. Provavelmente isso se deu por ser um local menor e mais distante do centro da cidade, com menor acessibilidade ao transporte público. Hoje em dia, ainda há *headbangers* que se encontram na praça da sorveteria Palato, mas a quantidade de pessoas e a frequência de encontros diminuiu significativamente.

Outro exemplo foi o Blackout Bar, palco de shows de Heavy Metal até hoje, que originalmente ocorria no Clube da Asceb, na quadra 904 sul, mas teve de mudar para o Clube CEDEC na quadra 913 sul. Algumas pessoas, como eu ouvi dizer, chegaram a dizer que o dono do estabelecimento tinha mudado e, por ser evangélico, não queria mais pessoas e eventos daquele tipo.

Outro espaço extremamente importante de concentração dos fãs de Heavy Metal é o CONIC. Lá ocorrem vários shows para o estilo em diversos locais – desde a praça central até os bares e casas de evento no subsolo e próximas aos prostíbulos. O CONIC também conta com lojas importantes ao cenário, como a Berlin Discos, especializada na venda de discos do referido gênero musical, e a Comix T-Shirts, com vários artigos de vestuário.

O Parque da Cidade também serve de palco para vários eventos relacionados ao Heavy Metal. Pequenos shows ocorrem em vários períodos em diversas localidades do parque. Há também os encontros e churrascos realizados sem datas específicas, assim como aqueles organizados previamente através da Internet, pelos membros da comunidade “Cabeludos de Brasília”, da rede social em extinção, Orkut, e que hoje se reúnem através de um grupo do Facebook.

Há inúmeros espaços de convívio *underground* em Brasília. Alguns deles não são exclusivos ao Heavy Metal, mas abrem espaço a ele, seja para shows ou não. Houve até uma escola de bateria intitulada Metal Drummers, cuja especialidade era ensinar o instrumento para o gênero Heavy Metal.

Dentre esses espaços em que estive presente, com eventos voltados ao Heavy Metal ou encontros com grande concentração de fãs do gênero, também posso citar: as lojas Porão 666 e Filial do Rock, em Taguatinga; a Abriu Pro Rock, no Gama; a extinta Zona Z, perto do Detran-DF do Plano Piloto; o Camping Show; a Churrascaria Floresta, perto do CONIC; Cult22, no Lago Norte; inúmeros clubes; Centro Cultural Renato Russo, na 508 sul; Art Garage, na 904 Sul; Bar do Piauí; Torre de TV; Clube do ASES; Velvet Pub, Stadt Bier, UK Brasil, Gates Pub, O’Rilley Irish Pub, Mittelalter Espaço Cultural e Taberna, no plano piloto; os *pubs* America

Rock Club e Blues Pub, em Taguatinga; a Aruc e o Círculo Operário, no Cruzeiro; Bardarana e Bar Hard Label, em Ceilândia; Bar da Toinha, em Samambaia; Salão de Múltiplas Funções CAVE, no Guará; Cidade Livre Espaço Cultural, no Núcleo Bandeirante; Centro Comunitário da UnB; Concha Acústica; praça do Museu da República; Estrada da Feira de Confecções, em Planaltina; Galpãozinho, no Gama; entre vários outros espaços.

Tais espaços são, em sua maioria, não-elitizados. As lojas são populares e localizadas nas periferias dos grandes centros comerciais de elite. Os que se reservam a realização de shows são espaços pequenos e humildes, nos quais não há presença de uma estrutura ideal para a realização de tais eventos, como tratamento e isolamento acústico. Aqueles destinados ao encontro de fãs muitas vezes são locais públicos ou bares, normalmente com venda de bebidas a preços acessíveis, ou com temática atrativa ao mundo dos *headbangers*.

Os shows *underground*, ou (como popularmente chamados) os “showzinhos”, normalmente ocorrem em algum desses lugares citados, têm um público mais jovem, com exceção dos showzinhos realizados em Pubs e Bares (onde só entram maiores de idade), contam em geral, como disse anteriormente, com equipamentos e estrutura precários, bandas locais e preços acessíveis. Há exceções obviamente e alguns shows podem contar com estruturas de qualidade razoável e agradável. Alguns desses shows, inclusive, contam somente com bandas *covers* ou tributos de bandas já famosas. As bandas autorais também têm muito espaço no cenário *underground*, porém muitas vezes o público comparece em menor número. É perceptível a preferência do público brasileiro com relação a shows de bandas *covers* em detrimento das bandas locais autorais. Uma lógica contrária à que prevalece no exterior, na qual esse tipo de banda é muito criticado e o interesse recai sobre as produções novas e as bandas autorais.

Um dos eventos que presenciei resume, de certa forma, a lógica da produção *underground*. Trata-se do “Dia dos Mortos”, que aconteceu no dia 5 de novembro de 2010, no Blackout Bar, que fica no clube CEDEC na quadra 912 sul. Esse local é clássico e há muitos anos recebe eventos e shows *underground* da cena do Heavy Metal. Nessa ocasião, pude observar com maiores detalhes os bastidores da produção. No cenário *underground* é muito comum os produtores serem, ao mesmo tempo, fãs e músicos da cena local. Nesse caso não foi diferente. Esse era o primeiro show produzido por Alan, um fã e músico de Heavy Metal, que já tocou várias vezes em shows pequenos com algumas bandas, entre elas um *cover* de Alice Cooper. Para esse evento, Alan teve a ajuda de seus amigos, que

iriam compor as bandas do festival. Um deles é o Rafael Hedwig, que já produziu shows de pequeno porte e também iria tocar no evento. Desde o início, ficou claro que aquela organização era solidificada basicamente pela amizade entre os envolvidos, de modo que o objetivo era fazer uma boa festa, entreter a todos e torcer para não ter prejuízo financeiro.

O show estava marcado para começar às 19h e tinha como atrações as bandas Mork, Elffus, Art of Khaos, Red Line, Harden, Hedwigs, Marcy Mars, Ozzy Osbourne Cover e DF-147. Infelizmente, o show só foi começar horas depois e, em decorrência do atraso, várias bandas tiveram que ser canceladas, causando situações constrangedoras. Exemplo disso foi o momento em que os funcionários do clube literalmente expulsaram todos de lá após o horário do aluguel ter terminado, bem como o episódio em que uma mãe reclamava, alegando que a apresentação do filho não poderia ser cancelada. Além desses fatos, também pude presenciar, no início do show, uma falta de autoridade do produtor perante o público, exatamente por ele ser conhecido de todos. Amigos barganhavam o preço do ingresso e, sem saber como agir, o produtor acabava aceitando.

Podemos observar aqui como a produção musical no cenário *underground* revela uma tensão sempre presente entre as tentativas de profissionalização do meio e a ênfase na sociabilidade. Nota-se uma negociação constante entre dois papéis: o “profissional da música” e o “amigo” – em geral com priorização do segundo.

Um evento muito importante para o cenário *underground* de Brasília é o CarnaRock, uma alternativa de diversão aos roqueiros e *headbangers* em uma época na qual o Brasil está voltado exclusivamente para gêneros musicais muito diferentes do Heavy Metal. Esse evento acontece todos os anos em lugares distintos e normalmente conta com uma presença expressiva do público da cidade.

Em 2011, o CarnaRock teve a produção da loja Music Master e aconteceu nos dias 5 e 6 de março, na Churrascaria Floresta, próxima ao Conic. O evento voltado para o Heavy Metal teve dois dias de duração e contou com as bandas Up the Irons, Metallica cover, Guns N’ Roses cover, High Sky com covers de Kiss e Dio, Gotthard cover, Ozzy cover, Ac/Dc cover, Art Of Chaos, RxDxPx, Fierce Fire, Zilla, Flashover, Obscure Death, Os Caras do Rock, Bruto, Sepultura cover, Chemical Exposure e Slipknot cover. Nesse dia, a casa de shows lotou e muitas pessoas tiveram que ficar de fora do espaço, pois não havia mais

ingressos.

A cena *underground* em Brasília, que há pouco mais de 20 anos era escassa, aumentou muito e hoje é relativamente grande. Há períodos de alta e baixa, dependendo das competições com outros shows e da situação financeira dos produtores, assim como do público. Porém, acredito que tal cena encontra uma estabilidade confortável para a sua preservação e expansão. Como o cenário reagirá com as perspectivas futuras de um Brasil com mudanças cada vez mais aceleradas, só o tempo conseguirá dizer.

## 2.2 - Marreco's Fest

O Marreco's Fest é um festival dedicado exclusivamente ao Heavy Metal e existe desde 2001. Promovido pelo músico e produtor cultural Fábio Marreco, o festival se tornou, no decorrer do tempo, uma vitrine extremamente importante para as bandas de Heavy Metal locais, contribuindo dessa forma para o fortalecimento e valorização da cena *underground*.

Em seu site oficial, explica-se:

O Marreco's Fest é uma manifestação cultural de suma importância para a consolidação da música independente e do mercado fonográfico do DF. Além do fomento a estúdios de gravação e de ensaio, a lojas de discos especializadas e a academias de música, a geração de empregos ligados à atividade musical local é corolário indiscutível do Marreco's Fest (<http://www.marrecosfest.com.br/festival.html>).

Durante meu campo tive a oportunidade de estar presente em duas edições consecutivas do Marreco's Fest, ocorridas em 2010 e em 2011.

A nona edição do festival aconteceu no dia 19 de Junho de 2010, no Camping Show, e teve a participação das bandas Rhevange (DF), Seconds Of Noise (DF), ARD (DF), Live Wire (DF), Rafael Cury & the Booze Bros. (DF), Flammea (DF), Amonicide (DF), Fallen Angel (DF), Uganga

(MG), Totem (DF), Dark Avenger (DF), Tim Ripper Owens (EUA), Almah (SP), Slug (DF), Heaven's Guardian (GO), Mork (DF), Isolate (DF) e Coral de Espíritos (DF).

Quando cheguei ao local encontrei dificuldade para estacionar, tinham poucas vagas e alguns “guardadores de carro” estavam cobrando 10 reais antecipadamente, para estacionar o carro nos locais mais próximos. O Camping Show é um lugar ermo e muito escuro à noite, o que o torna perigoso. Demorei a conseguir vaga, mas consegui encontrar uma mais distante, já que nunca pagaria aquele preço para estacionar em local público. Desci do carro e fui andando até o local onde aconteceria o festival. Fiquei impressionado com a quantidade de carros. Nunca tinha ido a um Marreco's Fest, então não sabia o que esperar. Depois fiquei sabendo que o público foi maior que 4000 pessoas, o que é um público grande, levando em consideração o tamanho do lugar e o preço do ingresso, que variava de 30 a 60 reais, considerado caro por grande parte das pessoas que foram ou que queriam, mas deixaram de ir ao festival. O clima do festival foi bem tranquilo, tinha bastantes bebidas, a um preço justo, e as pessoas transitavam pelo lugar para conversar, sentar nas mesas das barracas e pedir algo, além de assistirem ao show. Havia uma quantidade considerável de famílias com crianças. Aliás, esse era o clima da festa. Parecia uma grande família do Heavy Metal, confraternizando. O público desse festival também mostrou ser mais velho do que o dos ditos “showzinhos” ou em relação aos festivais grandes como o Porão do Rock. Os mais jovens – fora as crianças pequenas – normalmente encontravam-se na faixa dos 20 anos de idade.

Um momento interessante do festival foi o sorteio de uma guitarra por ninguém menos do que o até então governador do Distrito Federal, Rogério Rosso, grande fã de Heavy Metal, seguido da apresentação do vídeo “Brasília Magical Journey” – um vídeo que mostra uma homenagem aos 50 anos de Brasília, feita por músicos de Heavy Metal brasilienses.

Posteriormente, tive a oportunidade de marcar um encontro para conhecer e conversar com o idealizador do projeto, Fábio Marreco, que me explicou sobre o festival com maiores detalhes.

O festival começou como uma maneira de comemorar o aniversário do Fábio – ou melhor, Marreco, como é chamado por todos que o conhecem – e ainda é assim até hoje, só que com outras proporções. Antes o festival era uma festa restrita aos amigos e, com o tempo, o público foi



aumentando cada vez mais. Dessa forma, a estrutura da festa também precisou acompanhar a demanda de convidados.

Fábio explica que a cena em Brasília é muito forte, com muitas bandas de alto nível, que não perdem em nada para bandas estrangeiras e que, por ser músico, fã e produtor, ele entende a necessidade de apoiar as bandas que resolveram andar nessa “canao furada” que é o Metal. Aliás, essa é uma das principais características da lógica organizacional dos eventos *underground*. Normalmente, quem os faz são as próprias pessoas que os consomem. Tais pessoas exercem várias funções diferentes ao mesmo tempo. Não é incomum ver o produtor, a pessoa que trabalha na bilheteria, a que vende bebidas e a que carrega os instrumentos, entre outras funções, também tocarem em alguma banda que se apresentará no show. O Marreco’s Fest, assim como os “showzinhos”, também se encaixa nesse padrão organizacional, obviamente com proporções diferenciadas, mas ainda assim, algo do tipo é preservado. O Fábio Marreco mesmo tocou no festival com sua banda Totem.

Fábio continua explicando que, para ele, o Marreco’s Fest é a maior bandeira e voz do Heavy Metal em Brasília, pois outros festivais como o Porão do Rock são mais alternativos e englobam vários estilos diferentes. A proposta então é apoiar o Heavy Metal, dando condições para as bandas tocarem em palcos grandes, com som, iluminação e qualidade técnica de alto nível, pois é isso que a platéia merece. Segundo ele, o Heavy Metal é composto por platéia de músico, platéia que sabe, é som para poucos, então ter a oportunidade de fornecer qualidade é muito gratificante.

Fábio diz que, apesar de ter muita qualidade, o festival ainda é muito humilde financeiramente. Ele explica que os festivais estrangeiros, ao contrário dos brasileiros, funcionam de um jeito em que o próprio evento se paga, apenas com o apoio das gravadoras e do preço dos ingressos, ainda assim dando lucro. No Brasil é diferente, tudo é mais caro, sendo dessa forma necessário o apoio do governo, por iniciativas como a Lei Rouanet, ou de iniciativas privadas. O Marreco’s Fest conta com o apoio da cerveja Heineken e da cerveja Sol há três anos, que são da mesma empresa aqui no Brasil. Ele explica que há uma parceria. Não é cerveja de graça, mas eles fazem um preço barato para a cerveja e ajudam nos equipamentos. Também sempre há patrocínios grandes e menores, o mais importante para o festival desse ano (2009) foi o do Banco de Brasília - BRB. Também há os patrocínios que não são em dinheiro, mas sim em troca de equipamentos. Os equipamentos são alugados do Grilo

Áudio, que está com ele desde o início do festival. A qualidade técnica do som é sempre elogiada e eles são sempre pontuais. Tudo acontece no horário. Todos os equipamentos são alugados, inclusive o palco, que é um modelo *Open Air*, em “céu aberto”, sempre feito em época onde não há chuvas.

Fábio explica que o festival é complexo e que sempre leva cerca de um ano de preparação para ser realizado, sendo os quatro meses antes do festival os mais complicados e os mais intensos. E quanto mais o festival cresce, maior a necessidade de expandir a qualidade e maior a experiência da produção para realizá-lo.

Com relação à seleção de bandas, Fábio explica que existem três categorias, sendo: 1 - as bandas locais com vínculos afetivos, bandas de amigos e conhecidos; 2 - as bandas locais sem vínculo com a produção; e 3 - as bandas nacionais de outras cidades e bandas internacionais.

O festival paga cachê, passagem e hotel para essas bandas. É tudo bem organizado. Normalmente é dada preferência àquelas bandas que já estão no cenário, que tocam no Blackout, UK Brasil e nos vários lugares do *underground* brasileiro.

Em relação ao público, Fábio explica que ele é muito personalista. Ele tem contato direto com o público e, quando algo dá errado, o pessoal vai falar diretamente com ele. A fórmula parece estar dando certo, pois todos sempre elogiam muito o festival e o público a cada ano cresce cerca de 20%.

Sobre o ingresso, Fábio explica que há duas opções: o normal, só impresso, e o Kit do Marreco's Fest. O Kit (composto por uma caneca, camiseta e adesivos personalizados) é uma tradição, acaba em três dias, ele explica. Contudo, economicamente não é muito bom. A margem de lucro é mínima, o custo é tão alto que não vale à pena aumentar muito a quantidade. Fábio explica que a cada ano ele aumenta a quantidade de Kits em 5%. O ingresso é que dá mais retorno, pois é só o preço da impressão.

Para Fábio, o evento vale muito a pena, mas não economicamente. Apesar de não trazer grande lucro financeiro, o benefício é enorme. Fábio explica que, afinal, é o aniversário dele e, provavelmente, ninguém tem um aniversário tão festejado quanto o dele. A satisfação do produtor está em ver tudo funcionando, compartilhar as *demos*, apoiar as bandas,

escutar música de qualidade e se divertir com os amigos.

O público também é bem familiar. O festival abriga espaços para as crianças, tem algodão doce, touro mecânico e até escorregador. Vão desde os pais até adolescentes e crianças. O festival sempre tem a preocupação de fazer tudo dentro da lei. Ele recebeu vários elogios sobre a organização vindos de vários âmbitos legais, como o juizado de menores.

Além do festival, também pude conversar com o Fábio Marreco, sobre o projeto que gerou a música “Brasília Magical Journey”. Ele explica que recebeu uma ligação do Governador do Distrito Federal, Rogério Rosso, que iniciou a proposta, visando homenagear os 50 anos de Brasília e os artistas do cenário do Heavy Metal brasileiro. O Governador Rogério Rosso enviou para o Marreco a linha de teclado que ele compôs. O Fábio mudou algumas coisas e terminou a composição junto com Rosso e seu amigo Lelo Nirvana, debatendo as letras, formas musicais, etc. O Fábio Marreco gravou todas as guitarras e depois foi convocando outros músicos da cidade para fazer suas contribuições. Participaram do projeto os músicos Mário Linhares, Virna Smith, Fernando D’Castro, Alírio Neto, Pedro Viana, Hoanna Aragão, Carlos Souza, Alberto Elffus, Jeff Souza, Thiago Bueno, Ítalo Guardieiro, Gustavo Rosa, Daniel Estevão, Daniel Calazans, Marcel Carvalho, Fábio Marreco, Guilherme Negrão, Marcello Linhos, Fabrício Moraes, Osiris de Castro, Deise Bentim, Ian Bemolator, Pedro Selva, Anderson Reis, Pablo Vilela, Carlos André, Leonel Valdez, Kayo John e Rodrigo Nogueira. A repercussão foi ótima, segundo Fábio Marreco. Exibiram o clipe na abertura do show da banda Megadeth e no Marreco’s Fest, além de divulgar o vídeo no YouTube e vários outros *websites*. A iniciativa foi publicada em revistas especializadas. Dave Mustaine, vocalista do Megadeth, quis uma cópia do DVD, e muitos produtores estrangeiros elogiaram o material. O retorno financeiro foi pequeno, mas, segundo Fábio, a gratificação de apoiar o Heavy Metal faz tudo valer a pena. Seu amor pelo Metal está acima de tudo.

A décima edição do festival ocorreu no dia 18 de Junho de 2011 no Clube da Imprensa. Nessa ocasião, o festival contou com dois palcos, cujos nomes homenageavam o Steve Harris (baixista e idealizador do Iron Maiden) e o Lemmy (da banda Motorhead), ambos ídolos do Heavy Metal.

Se apresentaram no festival as bandas Art Of Chaos (DF), Silent Raze (DF) – vencedoras da seletiva do festival por votação dos jurados e

do público ocorrida no Blackout Bar da 913 Sul do Clube CEDEC nos dias 14 e 15 de maio –, Estamira (DF), In The Shadows (GO), Red Old Snake (DF), Age Of Artemis (DF), Totem (DF), Scatha (RJ), MoreTools (DF), Deceivers (DF), Mortgage (SP), Violator (DF), Beehler (Canadá), Rage (Alemanha) e Hirax (EUA) respectivamente.

Quando cheguei ao festival nesse dia, percebi que as previsões do Fábio Marreco em relação ao aumento de público não foram concretizadas. Houve um decréscimo perceptível no número de pessoas que entraram no festival. Isso se justificava, segundo muitas pessoas que deixaram de ir e outras que foram ao festival, pelo aumento significativo no valor do ingresso – o preço cobrado no dia era de 80 reais, que por sua vez se justificava pela presença de bandas mais famosas e expressivas na cena do Heavy Metal mundial – e pela concorrência com outras atrações internacionais grandes que ocorreram em período próximo ao festival.

Provavelmente em razão desse público menor que o esperado, eles estavam distribuindo o Kit do festival – com uma camiseta, uma caneca e um adesivo do festival – para as pessoas que resolveram comprar o ingresso no dia.

Os shows ocorreram como normalmente ocorrem, de maneira bem pacífica e organizada. Havia espaço para as pessoas comerem e consumirem bebidas, algumas famílias com crianças e músicos/produtores que constantemente se misturavam com a platéia.

Uma iniciativa dessa edição do festival me chamou atenção especialmente, exemplificando muito bem a idéia de que a platéia do Heavy Metal é composta por músicos. Houve a presença de um palco menor e afastado do palco principal, no qual pessoas da platéia podiam se inscrever para atuar com uma banda formada na hora, por outros membros da platéia, com o intuito de tocar *covers* de bandas clássicas. Várias pessoas se inscreviam e a música não parava nesse palco. A formação das bandas mudava constantemente e apenas em alguns momentos elas se preservavam por mais de algumas poucas canções. Criou-se, dessa maneira, um espaço no festival com dinâmica semelhante às festas de amigos ou de família, que têm vários músicos presentes, no qual a platéia se reveza no palco, fazendo o que os músicos chamam de “Jam”, onde as várias bandas formadas na hora tocam ou improvisam várias músicas. Essa prática é muito comum nas festas privadas do cenário *underground* do Heavy Metal. Reforça a ideia da existência de uma “plateia de músicos”, sendo dessa forma o Heavy Metal muitas vezes caracterizado como “música de músicos para músicos”.

Como pôde ser observado, o Marreco's Fest é um festival que, apesar de grande, está muito ligado ao cenário *underground*. As seletivas para o festival contam com bandas do *underground* e ocorrem em locais característicos da cena. Sobretudo, o festival preserva práticas e valores usualmente reproduzidos no cenário *underground*. Primeiro, reforça uma percepção do Heavy Metal como um domínio onde as fronteiras entre os papéis de “músico”, “fã” e “produtor” tornam-se absolutamente porosas. A noção de uma “plateia de músicos” é alimentada e valorizada. Segundo, o festival reforça a informalidade e pessoalidade da cena. Ainda que seja um negócio em expansão, busca-se alimentar a imagem do evento como “uma festa de aniversário entre amigos”. Há uma ênfase no vínculo afetivo entre os envolvidos. Até mesmo a presença do Governador do Distrito Federal no evento é apresentada em termos de uma relação pessoal, de amizade. A presença de crianças reforça o caráter “familiar” do evento e o produtor se define, explicitamente, como “personalista”. A própria relação com o Heavy Metal é delineada em termos afetivos, como uma relação de “amor” ao gênero.

### 2.3 - Porão do Rock

Em seu *site* oficial, podemos encontrar a seguinte nota acerca do festival:

O **Festival Porão do Rock** surgiu a partir de uma realização conjunta de produtores (For Rock Promoções e G4 produções) e 15 bandas de Brasília. Sediado na comercial da quadra 207 Norte, no Plano Piloto de Brasília, o local conhecido como Porão do Rock abriga várias salas de ensaio para bandas, onde, desde 1994, interagem artistas de vários estilos. Na medida em que crescia a presença de músicos no espaço, era inevitável que a troca de ideias fosse dar origem a algo maior e mais representativo. Assim, nasceu o Festival Porão do Rock, atualmente, sob a produção executiva da **ONG Porão do Rock**.

**O Festival Porão do Rock é o maior festival independente de rock do Brasil** segundo a crítica especializada. Realizado há 13 anos consecutivos em Brasília/DF, o Festival Porão do Rock não é apenas um evento artístico musical. É caracterizado como um

movimento sociocultural, criado para desenvolver a cena musical independente, partindo de Brasília, capital brasileira do rock, criando estratégias para gerar as condições profissionais e de desenvolvimento de toda a cadeia produtiva da música independente e de revelação de novas bandas e artistas.

O **Festival Porão do Rock** reúne grandes bandas do cenário local, nacional e internacional, ao lado de bandas independentes representantes das principais cenas do Brasil, estimula ainda a sustentabilidade de projetos sociais conexos, por meio de parcerias com instituições e produtores de outras localidades. Além disso, o Festival Porão do Rock faz parte do Calendário Oficial de eventos da cidade de Brasília com a aprovação da Lei nº. 3.844, de 13 de Abril de 2006, sancionada pelo governo do Distrito Federal.

O **Festival Porão do Rock**, em 13 anos, já foi assistido por mais de 750 mil pessoas, com o total de 317 atrações diferentes, sendo: 175 do Distrito Federal e entorno, 20 nomes internacionais (Estados Unidos, Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Suécia, Finlândia, Argentina e Uruguai) e 117 de todas as regiões do Brasil.

([http://www.poraodorock.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=42%3Ao-festival-porao-do-rock&catid=3%3Ao-festival&Itemid=4&lang=pt](http://www.poraodorock.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=42%3Ao-festival-porao-do-rock&catid=3%3Ao-festival&Itemid=4&lang=pt))

Como se pode ver, o Festival Porão do Rock, que começou no *underground*, tornou-se um dos maiores festivais do país, sendo hoje em dia considerado parte do cenário *mainstream*, apesar de ainda “flertar” com os ideais e bandas do cenário *underground*. Assim como o Marreco’s Fest e vários outros festivais, o Porão do Rock segue com a concepção da necessidade de preservação e desenvolvimento da cena musical independente, em especial ao Rock e suas vertentes. Hoje em dia o Festival Porão do Rock conta com o apoio massivo do governo, que há três anos apóia o festival e torna possível a realização do evento com entrada gratuita, e de várias empresas privadas, assim como os meios midiáticos de massa. Em minha vida, tive oportunidade de ir a várias edições do Porão do Rock e acompanhei suas mudanças ao decorrer do tempo. Como antropólogo, tive a oportunidade de fazer pesquisa de campo nas três últimas edições do evento.

Na edição de 2009, o festival contou com as duas mais renomadas bandas de Heavy Metal do Brasil, reconhecidas mundialmente pelas ousadas fusões de elementos da música brasileira ao som pesado do Heavy Metal. A banda mineira Sepultura e a banda paulista Angra são os dois maiores expoentes do Heavy Metal no Brasil. A edição do festival em 2009, ao contrário do usual, se realizou na esplanada dos ministérios, local representativo do centro do poder do Estado brasileiro e, com o apoio do governo do Distrito Federal e de patrocinadores da iniciativa privada, pôde ser oferecido de maneira gratuita ao público. O festival foi realizado em dois dias, mas minha observação somente ocorreu no primeiro, visto que esse era o dia no qual as bandas de Heavy Metal tocaram.

Meu trabalho de observação começou antes da inserção em campo propriamente dita. Os preparativos para a ida ao festival me renderam boas declarações que ajudam a entender o movimento em Brasília. Estava em minha casa, usando a Internet a fim de saber quais pessoas conhecidas pretendiam ir ao festival, e recebi várias respostas como essa, de Letícia:

- Eu nem vou, evento de graça na esplanada vai ser um inferno, vai ter gente de tudo que é lugar. Seria melhor se fosse pago, assim só iria o povo que realmente gosta [do estilo musical]. Evento de graça atrai um bando de vagabundo que só vai lá pra roubar e brigar. Tenho medo, vai que esfaqueiam alguém de novo [referência ao acontecido no último evento que ocorreu na esplanada].

Continuando a conversa, perguntei:

- Mas qual seria a diferença se só o povo que gosta fosse?

Então ela respondeu:

- Ah, você sabe muito bem... se fosse só povo do rock ia ser tranqüilo, quase nunca rola nada nos shows. Só rola droga, mas droga rola em todos os lugares. Inclusive já cansei de ouvir de seguranças que é bem melhor trabalhar em show de metal e rock. É muito mais seguro. Eu não gosto de violência. Infelizmente, no Brasil, não podemos confiar na segurança.

Continuei minha conversa, mudando de assunto. Ao mesmo tempo em que conversava com a Letícia, tive a oportunidade de conversar com mais pessoas e recebi a confirmação de ida ao festival de várias delas.

Resolvi não combinar de encontrar com ninguém. Assim poderia ter tempo para ficar sozinho observando todos em minha volta e fazendo minhas anotações. É obvio que pretendia encontrar pessoas lá, afinal queria coletar algumas declarações que pudessem ajudar em meu trabalho, mas deixei a obra do acaso selecionar as pessoas que iria encontrar, pois assim também aumentava a minha possibilidade de conhecer novas pessoas e conseqüentemente tornar o meu trabalho mais imparcial.

Saí do computador e comecei a pensar no que vestir para ir ao festival. Todos já conhecem o clichê do preto na vestimenta roqueira, que não deixa de ser real. A esmagadora maioria dos eventos de Heavy Metal e Rock no mundo inteiro são dominados por vestimentas pretas – e aqui não é diferente. No entanto, deve-se ter em mente que a vestimenta do preto não exerce uma função tão relevante para a aceitação e integração no grupo, visto que no meio do Heavy Metal existem inúmeras vertentes com modas extremamente distintas. Não é difícil passar despercebido no meio da massa roqueira, só exige uma questão de bom senso. Vesti-me como de costume. Calça jeans, uma camisa social branca, botas, cachecol e um chapéu.

Resolvi só ir ao show às 20h, pois as bandas de Heavy Metal ficaram para o final da noite. Antes desse horário, os estilos das bandas foram bem diversificados, havia bandas de Pop Rock, Indie Rock, Punk Rock, Surf Music, Garage Rock, entre outras. Fui de carro e por causa do horário estava temeroso em relação a encontrar vagas; por sorte estacionei ao lado do Museu Nacional e não tive muitos problemas. Estava tudo muito organizado e não tão cheio quanto eu imaginaria que iria estar. Quando cheguei ao palco principal, ainda estava tocando Cachorro Grande e as bandas de Heavy Metal ainda não tinham começado. A primeira coisa que notei foi a diversidade de tribos e estilos que compartilhavam o mesmo espaço no evento – o que não é de se espantar tendo em vista a diversidade de bandas que se apresentariam no mesmo dia. Tinha até uma pista de skate. Apesar disso, as atrações principais eram de Heavy Metal/Hard Rock. A maioria do público estava esperando o Sepultura e o Angra, que foram as últimas bandas a se apresentarem. O festival acabou atrasando mais de três horas e, no momento que cheguei, ainda estavam tocando bandas que não era de meu interesse, então voltei minha atenção novamente para o público. Boa parte do público se dirigia para locais distantes do palco, quando a banda que estava apresentando não era de interesse deles. Existiam focos de pessoas compartilhando bebidas e



conversando amigavelmente no gramado, na praça do Museu da República e perto das barracas de comida.

Como é de costume, não presenciei nenhum ato de violência. O único ato que poderia ser considerado violência por um *outsider*, mas não o é, foram as normais “rodas punks”, ou melhor, os “moshpits”, como diriam os metaleiros, no qual os indivíduos entram voluntariamente a fim de expressar com o corpo o sentimento que a música transmite. A roda, chamada pelos punks de “pogo”, dizem ter surgido em um show do Sex Pistols no fim da década de 70 na Inglaterra, quando um espectador, que se encontrava distante do palco, teria começado a pular e empurrar as pessoas da frente com o intuito de ver melhor a banda. Tal atitude teria sido imitada por outros na audiência que começaram a se esbarrar, formando dessa forma o “moshpit”.

Enquanto andava observando as pessoas e como o festival foi organizado, encontrei com uma amiga minha, a Amanda. Ela me apresentou sua amiga que lhe fazia companhia, a Joyce. Ficamos conversando sobre inúmeras coisas. Entre elas, todos concordavam que o festival estava com menos gente do que o normal. “Muita gente desanimou com o fato de ser de graça e, aqui, é muito perigoso”, explicou Joyce. No meio da conversa sobre shows e bandas, outra amiga chega, a Marina. Tinha conversado com ela anteriormente pela Internet e ela afirmou que não pretendia vir para o festival. Surpreso, eu perguntei: “Ué, você aqui?”. Ela respondeu: “É, acabei vindo; todo mundo que conheço furou comigo e veio pra cá. Então era a única opção. Eu nem queria vir, depois daquela situação...”, logo em seguida eu retruquei “Que situação?” e ela respondeu “Eu não gosto muito de falar nisso, mas é que há muito tempo atrás eu estava com uns amigos aqui na esplanada em um desses eventos, acabamos sendo roubados... eles bateram muito na gente e como sempre não adiantou nada procurar a polícia. Acabei perdendo o celular, foi um desastre. Tive que dormir na casa de um amigo que ficava aqui no Plano. Fomos a pé, porque o dinheiro já tinha acabado. Desde então nunca mais fui a eventos abertos e de graça”.

Logo em seguida, começou a banda brasileira Elfus, uma banda que vai do Hard Rock ao Heavy Metal tradicional. Um rapaz interrompeu a conversa pra dizer que a banda era muito boa. Com chapéus de Cowboy, a banda conseguiu agitar um pouco o público e protestou “Chega da agonia de não saber se o Porão vai rolar ou não” – em referência às várias complicações que ocorreram para saber da realização ou não do evento.

Chegaram a existir boatos de que esse seria o último festival, pois um empresário teria fugido com o dinheiro para a realização do festival.

Após o fim do show dessa banda, resolvi separar desses amigos e ficar sozinho mais um tempo; precisava anotar coisas e observar outro ambiente. Encontrei várias pessoas e conversei mais um pouco. Andando, mais uma vez encontrei com a Amanda e ela falou: “Olha, eu consegui um ingresso pra você entrar na área VIP, a gente vai estar lá, eu conheço um pessoal da imprensa e foi tranquilo arranjar pra você. Vai pra lá. Pelo menos temos onde sentar.” Eu aceitei o convite e falei que iria encontrá-las mais tarde.

Houve um aviso de que a ordem das bandas teria sido trocada, em razão do atraso, principalmente na preparação do palco para a banda americana Eagles Of Death Metal. Já passava da 0h e a banda mineira Sepultura, que seria a última a se apresentar, resolveu entrar antes. Quando começou o Sepultura, eu entrei na área VIP e fui assistir ao show. A banda, apesar de já ter passado de seu período auge, ainda mantém um público cativo que sempre demonstra muito respeito pela provável banda mais tradicional do Heavy Metal brasileiro. O repertório do show englobou músicas do mais recente álbum “A-Lex”, que foi inspirado no livro “Laranja Mecânica”, assim como os clássicos da banda como “Refuse/Resist”, “Roots” e “Territory”. Com um desempenho exemplar, o público ficou muito agitado; todos cantavam, pulavam e se expressavam com muito fervor. Foi interessantíssimo ver esse desempenho, a banda como de costume não deixou a desejar. Uma das características principais da banda é incorporar referências musicais como a música erudita e a música brasileira ao Heavy Metal. A apropriação cultural na produção artística do Sepultura não se limita à forma; as letras são de forte cunho político e representam bem a realidade brasileira, problemas típicos de países do terceiro mundo como pobreza, miséria, exploração, discriminação, assim como discussões sobre religião e capitalismo estão sempre presentes. Teve até uma versão Thrash Metal de “Aquarela do Brasil”. Em certo momento, o guitarrista Andreas Kisser ainda rascunhou um discurso político.

Passado o show do Sepultura, me sentei com pessoas conhecidas e acabei sendo apresentado a outras pessoas. Conversamos sobre diversas coisas, mas algumas frases ditas por algumas pessoas prenderam especialmente minha atenção. Um deles, já embriagado, disse: “Eu sou brasileiro, amo o Brasil, mas o que eu sou é Rock. Sepultura é Brasil,

Samba é Brasil, viva ao samba-rock...eu tenho uma banda de samba-rock... Porque o Rock também é brasileiro. Rock é libertação, é a liberdade do Brasil, é democracia. Metal é tudo, é minha vida e não tem mais como tirar da minha alma, eu sou brasileiro mas minha nacionalidade é o Heavy Metal – e que venha o Angra...” Logo após ele começou a cantarolar um trecho de uma música do Angra chamada “Carry On”. Outra pessoa declarou: “O Rock, o Metal é a libertação do Brasil. Representa a abertura do Brasil pro mundo. O Rock In Rio foi tudo! É o marco da chegada da democracia no Brasil. A gente agora é mundo. Isso é o bonito da música. Música é linguagem, quebra barreiras culturais, quebra a nacionalidade, é uma coisa única, assim como o homem. O metal é isso. É a unicidade do ser. O Metal é internacional, está no mundo inteiro. Metal não é americano, não é inglês, metal é tudo. Metal é mundo e **Brasília é Metal**”. O amor expresso por esses indivíduos ao Heavy Metal era constante e corroborava a importância fundamental que o Heavy Metal tem na vida dessas pessoas, mostrando que o mesmo é muito mais do que um simples gênero musical.

O tempo passou e chegou a hora do Angra, que começou a tocar somente às 3h30. Apesar do horário, boa parte do público ainda permanecia. Vários deles vieram para ver o Angra, banda que tem um público muito fiel. A banda passou recentemente por uma complicação grande na luta pelo direito ao nome com o empresário e a gravadora. A decisão judicial ainda não foi concretizada completamente, mas a banda voltou naquele ano a se apresentar. O repertório contou com músicas da banda, em sua maioria referentes à segunda formação da banda, assim como alguns clássicos da primeira formação. A mescla de estilos musicais brasileiros junto ao Heavy Metal na produção artística, principalmente em sua forma estrutural, é bem mais explícita do que no caso do Sepultura, principalmente em razão do estilo ser mais permissivo a fusões musicais. Referências a diversos estilos como o erudito e a música brasileira em geral (como o baião, chorinho, bossa nova e samba), bem como elementos de músicas latinas, flamenco, música cubana, progressivo e jazz, entre outras, podem ser facilmente encontradas no extenso trabalho da banda, que já contou inclusive com a participação de artistas brasileiros consagrados, como Milton Nascimento. Com muito virtuosismo técnico, o Angra matou a saudade dos fãs que torciam tanto pela volta da banda. Nem o som ruim do show desanimou o público. A alegria era visível no rosto dos fãs.

Depois do show do Angra, como todos estavam exaustos, era cerca de 4h30 da manhã, a maior parte do público foi embora. Chegou a hora de uma banda menor chamada Mindflow tocar. A banda paulista Mindflow e a banda brasiliense Dynahead deveriam ter tocado antes das bandas principais, mas por causa do atraso acabaram cedendo lugar às bandas maiores. O Dynahead foi transferido para o dia seguinte e o Mindflow tocou para um público muito pequeno. Percebi que a atitude dos produtores de shows ou festivais, sejam eles grandes ou pequenos, priorizarem os artistas grandes, relacionados ao *mainstream*, em detrimento dos artistas pequenos, relacionados ao *underground*. É uma constante, fato óbvio, tendo em vista as lógicas de mercado que regem a produção de eventos musicais de todos os gêneros, e não somente do Heavy Metal.

Em 2010, o Porão do Rock sofreu mudanças significativas na lógica organizacional do evento, que permaneceram em 2011 e que provavelmente permanecerão nos festivais por vir. Agora os interessados em comparecer ao festival devem se cadastrar no *site* do evento e imprimir um ingresso gratuito – que serve provavelmente para a contabilidade de pessoas participantes – e doar 1 kg de alimentos não-perecíveis na hora da entrada. Estes alimentos vão para a ONG Porão do Rock e farão parte da ação social Rock Contra a Fome, que já conseguiu arrecadar centenas de toneladas de alimentos. O festival de música também passou a contar com três palcos, dois localizados na parte externa do Ginásio Nilson Nelson e um localizado na parte interna, sendo este o palco principal, que tem a maior capacidade de público, destinado às bandas de Heavy Metal.

A edição de 2010 foi realizada no dia 11 de setembro e teve a participação de 33 bandas, sendo que 12 destas tocaram no palco GTR, destinado ao Heavy Metal. Essas foram, em ordem de apresentação: Mork (DF), Zilla (DF), Estamira (DF), Death Slam (DF), Mindflow (SP), André Matos (SP), Dynahead (DF), Korsus (SP), x Lost In Hate x (DF), Deceivers (DF), Gangrena Gasosa (RJ), Musica Diablo (DF).

Cada palco carregava o nome de um patrocinador. O palco do Heavy Metal era patrocinado pelo GTR – Instituto de Guitarra, uma escola fundada em 1996 e que se tornou a maior escola especializada em guitarra do Centro-Oeste e uma das maiores da América Latina. O instituto GTR é conhecido por ter em seu quadro de professores vários músicos de Heavy Metal, incluindo seu fundador, o guitarrista e empresário Marcelo Barbosa, que toca nas bandas de metal Almah – projeto de Edu Falaschi, vocalista do Angra – e Khallice, banda local que conta com a presença de

outros professores do mesmo instituto. Em conversas com vários professores do instituto, tive a informação de que a parcela de alunos que procuram o instituto para se aprimorar no Heavy Metal ou que passam a estudar música por causa do Heavy Metal é a mais significativa e que a importância do estilo para a escola é imensurável e que a quantidade de alunos não para de aumentar.

No palco GTR, os destaques foram para as bandas Korsus (uma das maiores bandas de Thrash Metal brasileiras), André Matos (atualmente em carreira solo e na super banda de metal melódico Symfonia, Ex-Angra, Ex-Shaman e Ex-Viper), Musica Diabla (do vocalista americano do Sepultura Derrick Green) e a banda Gangrena Gasosa, que se auto-intitula de Saravá Metal, em referência à temática brasileira, que substitui os temas Satanistas pelas menções a várias religiões africanas e indígenas do Brasil.

Chamo também atenção para a banda de Black Metal brasiliense Mork, que foi convidada para participar do festival Porão do Rock por ter sido considerada destaque no Marreco's Fest. Isso mostra o quanto as várias instâncias da produção local estão em constante diálogo, comprovando as iniciativas do festival de alavancar e investir na produção do rock local e independente – ainda que haja muita reclamação por boa parte dos músicos, em razão do tratamento diferente que se dá entre bandas grandes e bandas pequenas.

O festival, que estava marcado para começar às 17h, teve atraso acumulado de cerca de 1h30, como de costume, e mostrou carregar ainda a herança de festivais amadores com vários problemas de organização, ou melhor, da falta dela. Logo no início, houve confusão por grande parte das pessoas. Elas não tinham se cadastrado previamente no *site* e não entendiam a necessidade da impressão do ingresso prévio já que o evento era gratuito. Essas pessoas acabaram recorrendo a um cupom para poder preencher e entrar, mas muitas acabaram não conseguindo. Outra questão que era de suma importância é que a localidade onde foi realizado o evento foi completamente isolada, de modo que só poderia entrar quem tivesse o ingresso e o quilo de alimento a ser doado, assim como quem fosse revistado. Isso seria uma iniciativa boa e eficaz, levando em consideração que o perigo de violência em eventos gratuitos sempre foi uma preocupação do público, vide depoimentos que colhi e transcrevi anteriormente. O problema era que a revista era muito mal feita e logo que entrei me deparei com pessoas utilizando drogas dentro da área restrita. Também prestei atenção ao fato de que uma boa parcela das pessoas que foram ao festival ficou do lado de fora da área restrita, para beber, comer ou consumir coisas que não poderiam na parte interna do evento. Isso é uma prática bem comum em todos os shows, pois a entrada

com alguns artigos de consumo é proibida pela maior parte dos eventos, fazendo com que toda a pessoa que entre no evento e queira consumir algo tenha que comprar nas barracas internas, que, por sua vez, vendem os produtos a um preço muito mais caro do que o normal.

O evento em si, como todo show de rock a que já fui, foi bem pacífico. As pessoas transitavam de palco em palco, quando não tinham bandas de seu interesse tocando, e se dirigiam ao palco quando começava uma banda a qual queriam ver. Quem saiu mais indignado com as falhas do festival, foram os próprios artistas, muitos deles reclamando bastante do evento.

Um dos acontecimentos que deixaram banda e fãs indignados foi a interrupção do show da banda do André Matos, que teve seu repertório cortado. Uma confusão entre os *roadies*, em razão do grande atraso do festival, cortou o show do André Matos no meio, fato que posteriormente foi comentado por ele mesmo em show, que também estive presente, na seletiva para o Porão do Rock 2011, realizada em Sobradinho. Nessa ocasião, André comentou indignado sobre o assunto e avisou aos fãs que, naquela ocasião, eles não precisariam se preocupar, pois ali tocariam quantas horas quisessem.

O grande atraso também deixou o vocalista Derrick Green exaltado, que realizou uma entrevista para o Estúdio Showlivre falando ter ficado indignado com a falta de organização do festival, caracterizando a experiência como horrível, pois eles tocaram as 4h30 da manhã e tiveram um público minúsculo, muitos deles dormindo, bêbados ou sentados, mortos de cansaço, em razão do atraso. O vocalista Derrick Green, durante o show do Musica Diablo, também acabou dando um sermão a um fã que ofereceu um cigarro de maconha para ele. Afirmou ser contra as drogas, falou que não fuma e nem bebe, só gosta de água, e que fazer essas coisas não é ser Rock N' Roll. De fato, a lógica do Sexo, Drogas e Rock N' Roll hoje em dia não tem sido seguido à risca. Os músicos, cada vez mais demandados, estão mais preocupados em permanecerem saudáveis a fim de prolongar a carreira.

O Porão do Rock de 2011 ocorreu nos dias 29 e 30 de Julho. O festival funcionou de maneira semelhante ao de 2010, só que dessa vez foram dois dias de festivais. Houve três palcos para o festival, sendo que o interno ao Ginásio Nilson Nelson era destinado às bandas de Heavy Metal. Dessa vez, o festival contou com 43 bandas. Dessas, 15 tocaram no palco "Antactica Sub Zero", o palco do metal. Essas foram, no dia 29: Gnomos da Jamaica (DF), Quebra Queixo (DF), Bruto (DF), Ratos de Porão (SP), Angra (SP), Silent Raze (DF) e Hibria (RS). O dia 30 contou com a presença das bandas: Pleiades (MG), Selenita (DF), Red Old Snake

(DF), Eminence (MG), More Tools (DF), Krisiun (RS), Totem (DF) e Symfonia (Escandinávia / Brasil).

Estiveram presentes cerca de 35 mil pessoas nos dois dias do festival. Destaque para o Krisiun e o Angra, algumas das bandas pioneiras e mais importantes do metal brasileiro, assim como para o Symfonia, uma super banda de metal melódico formada por músicos de várias partes do mundo e consagrados das maiores bandas na cena, tendo inclusive o vocalista brasileiro André Matos na formação.

O show da banda Angra no primeiro dia do festival contou com o Ginásio Nilson Nelson com sua capacidade máxima esgotada e teve público semelhante ao que é esperado das grandes atrações internacionais. Era um mar de pessoas cantando e assistindo ao show da banda. Tal fato foi tão emocionante para a banda que a mesma ainda resolveu dar uma declaração de orgulho e agradecimento pela presença. Na declaração, Edu Falaschi afirmou como é emocionante ver milhares de pessoas lotando um ginásio para ver um show de Heavy Metal, e não de sertanejo, axé ou funk. Em seu discurso, ele cita que essa é a prova que o metal nacional não está morto e fala que isso deve servir de estímulo às pessoas, pois o Heavy Metal no Brasil é muito forte e tem muito a provar para todos.

Já o show do Symfonia acabou sendo prejudicado pelo grande atraso. O show começou muito tarde e foi terminar quase 6h da manhã. Poucas pessoas agüentaram esperar para ver a banda e muitos desistiram achando que eles não viriam mais. O público foi bem pequeno, principalmente para uma banda desse porte.

De maneira geral, as várias edições do Porão do Rock nos trazem dados interessantes, que merecem maior atenção analítica. Trata-se de um evento que desconstrói a rígida fronteira entre o *underground* e o *mainstream*. Foi criado para desenvolver a cena musical independente. Contudo, revela complexa relação com o governo, a imprensa, empresas patrocinadoras e gravadoras. Em lugar de fronteiras entre domínios estanques, observamos uma intensa negociação entre valores e práticas distintos.

Igualmente, o Porão do Rock e as bandas participantes do evento revelam a porosidade de outra fronteira: as delimitações do próprio gênero musical. Aqui, o Heavy Metal dialoga com a música erudita e com a música popular brasileira. O Heavy Metal se mostra, simultaneamente, brasileiro e internacional, como na performance exemplar da banda Sepultura tocando “Aquarela do Brasil”.

## 2.4 - Grandes atrações internacionais

Outro aspecto de extrema importância para a dinâmica social do grupo Heavy Metal em Brasília é a recente entrada da mesma no circuito de grandes atrações internacionais. Hoje se pode dizer que Brasília já faz parte da rota das grandes bandas que passam pelo Brasil.

Brasília, há muitos anos atrás, já teve atrações de grande porte, mas a frequência acentuada de hoje é recente. No que concerne ao Heavy Metal, destaco o primeiro show do Iron Maiden, em 2009, que lotou o Estádio Mané Garrincha, contando com a presença de cerca de 25 mil pessoas, segundo discurso do vocalista Bruce Dickinson no show. Antes desse show, houve atrações internacionais relevantes à cena Heavy Metal, como os shows do Symphony X, Joe Satriani, Nighwish, Manowar, Sonata Arctica, Obituary, Evergrey, entre várias outras bandas. Bem antes disso, houve até shows relativamente grandes das bandas nacionais Angra e Shaman no Clube ASES. Porém nenhum show tinha então alcançado tamanha proporção.

Depois do primeiro show do Iron Maiden em Brasília, veio uma enxurrada de atrações Heavy Metal de grande porte. A grande maioria delas foi realizada no Ginásio Nilson Nelson, com ingressos relativamente caros, estrutura gigantesca, organizadas por produtoras de grande porte, cachês das bandas de alto custo, assim como um público presente em peso. No período de apenas dois anos aconteceram shows dos gigantes: Heaven and Hell, Megadeth, Guns N' Roses, Sebastian Bach, Scorpions, Iron Maiden novamente, Judas Priest, Whitesnake, Motörhead; assim como das bandas um pouco menores: Richie Kotzen, Ill Niño, Tim "Ripper" Owens, Steve Grimmet, Nargaroth, Deicide, Master, Suffocation, Death Angel, Living Colour, Joe Lynn Turner, Paul Di' Anno, Napalm Death, Marduk, Delain, Rage, Hiras e Tarja Turunen.

O atual cenário somente se tornou possível graças a uma série de fatores macroeconômicos. Dentre estes estão a desvalorização do dólar perante o real, que torna mais barato aos produtores brasileiros conseguirem trazer atrações internacionais ao país, a crise econômica mundial e a situação privilegiada na qual o Brasil esteve perante a ela, o crescimento econômico do Brasil e o aumento da renda per capita na capital federal, assim como o aumento populacional descontrolado que houve na cidade, fruto, a meu ver, de políticas públicas irresponsáveis acumuladas de vários governos que se sucediam e governavam pelo interesse próprio em detrimento do interesse público. O aumento populacional descontrolado, apesar de trazer várias mazelas a todos os



setores fundamentais ao bem estar social como o transporte público, a saúde, a educação, a segurança, a empregabilidade, entre outras coisas – visto a incapacidade da cidade de se adaptar a um aumento populacional muito acima do que sempre esteve previsto –, trouxe uma possibilidade de mercado mais ampla aos empresários, que ali encontravam um número muito maior de possíveis consumidores.

Tais manifestações culturais, inseridas na lógica *mainstream* de mercado, interferem diretamente em todas as esferas da dinâmica social dos *headbangers*, inclusive no *underground*. Os grandes shows internacionais reverberam de diversas maneiras. Houve vários impactos positivos, como: maior visibilidade da mídia de massa para o gênero musical; geração de uma quantidade expressiva de possíveis novos fãs; maior movimentação de capital, tanto relativo à própria produção e divulgação do show em si (como o movimento de capital extra através de vendas de CDs, DVDs, livros, artigos de vestuário e visualizações na Internet), quanto relativo ao estímulo da indústria de instrumentos musicais, equipamentos de áudio, gravações e escolas de música com ensino especializado. Há ainda o estímulo simbólico que tais shows trazem aos fãs que acabam por decidir virar músicos ou ter a música mais presente em sua vida de outras formas, através da produção da mesma ou até mesmo da coleção – é incalculável o impacto simbólico que o Rock In Rio teve sobre inúmeros músicos brasileiros do estilo, que normalmente sempre o citam como um fator muito importante na decisão de viver de música. Precisamos notar também os impactos negativos, que geram competição acentuada no cenário *underground*, o que torna as produções dos eventos *underground* um pouco menos viável, pois o público alvo dessas atrações é afetado, fazendo com que muitos, por sua condição financeira, tenham de escolher entre uma atração e outra, normalmente dando preferência às grandes atrações internacionais, que além de serem mais raras, contemplam as grandes bandas, idolatradas desde sua infância, e ainda contam com uma estrutura de show invejável em comparação com os shows *underground*. Nesse cenário, a produção do Heavy Metal nacional fica afetada e se cria uma série de conflitos muito comuns à história do Heavy Metal no Brasil.

### CAPÍTULO III

#### **O *underground*, o *mainstream* e o mercado Heavy Metal no Brasil**

Os conflitos entre a noção de *underground* e *mainstream* permeiam os princípios da cultura Heavy Metal desde sua origem. O Heavy Metal, como explicitado anteriormente, é um projeto romântico de um mundo artístico operário influenciado pela contracultura dos anos 1960, ou seja, nele está presente a lógica de negação a tudo que seja *pop* ou por ventura *mainstream*. É a negação de qualquer prática que veja a arte puramente como um produto que pode ser comercializado, através de uma lógica capitalista que prioriza o lucro em detrimento da qualidade.

Esse valor é fundamental na lógica de aceitação de um indivíduo no grupo Heavy Metal. Existem inclusive termos que diferenciam aqueles que poderiam ser considerados verdadeiramente inseridos no grupo Heavy Metal daqueles que não podem.

O termo *True*, que significaria aquele que é verdadeiramente *headbanger*, entra em oposição ao termo *Poser*, aquele que é vendido, que somente posa ser alguém que realmente não é. Com o tempo, tais termos se tornaram motivos de piada, como o *True Metal*. Este termo foi inclusive satirizado por vários meios, de forma que o mesmo começou a ser associado normalmente aos *Metaleiros* e *Black Metaleiros*, que não aceitam nada que não seja *Metal Underground*. Hoje em dia, o termo *True* acabou carregando essa carga negativa, de modo que agora o termo *headbanger* é mais adequado para enquadrar aquele que está inserido na cultura Heavy Metal.

O termo *Poser* também tem sua relatividade. Ainda hoje o termo é utilizado para enquadrar àqueles que são “vendidos” e que não podem ser considerados *headbangers*. Mas o mesmo termo também pode se referir àqueles pertencentes à cena do subgênero *Glam Metal*.

Independentemente de como os termos são utilizados – em tons de piadas ou não – ou da metamorfose que os mesmos sofrem ao decorrer do tempo, a idéia que os perpassa caracteriza um conflito entre o *underground* e o *mainstream*, carregado de contradições, presente constantemente nos discursos produzidos pelo e acerca do Heavy Metal.

A relação do Heavy Metal com o mercado encontra suas origens no que Leite Lopes (2006, p. 92) chama de “Projeto Romântico de um Mundo Artístico Operário” e pode ser resumido pelas expressões “métalliser sa

vie” (ROCCOR, 2000, p.218), “métallisation du quotidien” (HEIN, 2004, p.249) ou, em português, simplesmente “viver de metal” (JANNOTTI JR, 2002, p. 181, 256). A noção romântica de “arte pela arte” é um dos mais fundamentais valores que regem a fuga proporcionada pela experiência e vivência do Heavy Metal.

A esmagadora maioria das bandas do gênero pertence ao mundo *underground* e são caracterizadas por exercerem atividades não lucrativas e amadoras, os famosos “hobbies”, na qual a atividade se justifica por ela mesma e não pelos fins. Essa é a principal diferença do *underground* em relação ao *mainstream*. Tendo em vista essa realidade, a maior parte dos músicos acaba por ter outros empregos ou outras formações profissionais, que divergem da música, este, por sua vez, custeando e financiando a produção artística. Porém é bom salientar que a atividade de produção musical no *underground* pode, sim, produzir lucros em alguns casos, só que normalmente esses não são significativos e muitas vezes nem suficientes para ter uma qualidade de vida digna e relativamente confortável. Ou, ainda que seja considerável, o lucro advindo dessas produções perde em importância, no plano do discurso, quando comparado ao “amor” de certos produtores pelo estilo de vida “metálico”.

O conceito de *underground* também obtém certa elasticidade. É possível avaliar o quão próximo ou distante está determinada produção em relação ao *mainstream*. Portanto, é preciso tomar cuidado ao determinar tal classificação, que assume um caráter relativo e contextual. Muitas bandas *underground* estabelecem relações concretas e diretas com veículos *mainstream*, em diferentes proporções. Também existem produções que saíram completamente do *underground*, passearam pelo *mainstream*, mas acabaram voltando ao local onde originalmente estavam.

Por mais que esses músicos tenham que se render às pressões externas que não os permitem “viver de metal”, o sonho compartilhado é sempre esse. Esse “projeto romântico de um mundo artístico operário”, acaba assumindo, para os músicos do passado e do presente, um “projeto de ascensão social e recusa dos projetos de reprodução social das famílias de origem” (LEITE LOPES, 2006, p.93), como a opção da escolha de profissões de baixa renumeração ou que contenham estabilidade, que tragam retorno imediato e não tenham os riscos e incertezas da carreira de músico.

Esse ponto em comum, o “projeto romântico de um mundo artístico operário”, pode ser verificado nos depoimentos que descrevi da entrevista do Dark Avenger para a TV Globo, assim como em todas as bandas do gênero, grandes e pequenas, que tive contato em minha experiência de campo, independente da declaração da existência ou não de interesses

econômicos compatíveis com a lógica de produção capitalista. A única exceção se dá no caso das bandas *covers*, muitas das quais são criadas simplesmente para diversão dos integrantes, que tocam em vários lugares, indiscriminadamente e até de graça.

A maior fuga dentre estas e ainda maior criação artística foi possibilidade pela construção desse mundo artístico romântico operário do heavy metal: via renumeração adequada pela arte, uma ascensão social pela carreira na música e fuga, ao menos temporária, da parte de empregados nos trabalhos tradicionais de suas camadas sociais de origem e adeptos do heavy metal para os espaços da arte feita por seus iguais (LEITE LOPES, 2006, p.99).

### 3.1 - Dia do Heavy Metal brasileiro

O Heavy Metal brasileiro atualmente se encontra em um momento de crise. Reflexões e discussões intensas entre músicos, fãs e pessoas envolvidas na produção do Heavy Metal nacional estão fervendo na mídia especializada, *sites* e redes sociais. A situação crítica e instável no que concerne a relação do mercado musical com o Heavy Metal brasileiro, sua possibilidade de expansão e manutenção, a relação entre o *underground* e o *mainstream*, a preocupação dos artistas e produtores sobre um retorno monetário que os possibilite continuar produzindo, assim como muito do que tenho explicitado ao decorrer desta pesquisa têm sido argumento central das atuais mobilizações, desabafos e discussões que percorrem a cena do Heavy Metal no Brasil.

Tais questões vêm de muito tempo, acompanham e fazem parte do dia-a-dia dos *headbangers* desde antes do Heavy Metal resolver desembarcar nas terras tupiniquins. Retoma-se a herança de uma visão de mundo romântica operária e de um ethos “proud pariah”, o artista injustiçado, um herói do metal, da autenticidade, da liberdade e do viver de arte, sem interesses comerciais, que entra em contradições pelos discursos, principalmente no que concerne aos interesses comerciais.

Agora essas questões retornaram em novas proporções. Em 26 de novembro de 2010, o vocalista Thiago Bianchi, das bandas Karma e Shaman, distribuiu um *press-release* contendo um desabafo informal, fervoroso e de baixo calão sobre o assunto, porém sincero.

Seguinte, não sou de fazer isso, mas na real, num tem mais como agüentar tudo isso de boca fechada.

É com extrema tristeza e desapontamento que venho por meio desta manifestar-me, não só como membro de uma banda ícone do heavy brasileiro, mas também como um fã do estilo e claro BRASILEIRO!

Não dá mais, chega.

É o fim o rumo que esse estilo tão calorosamente amado por todos aqui, está tomando. Não é só pelas portas na cara da grande mídia, tanto televisiva, radiofônica ou mesmo de internet, que mais dói, mas sim o próprio público que vem se levantando uns contra os outros como bárbaros sem propósito ou até mesmo torcidas organizadas, sedentas por sangue e promovendo aquelas tristes imagens que vemos por aí.

O momento de reflexão JÁ ERA!!! Agora é hora de agir!

Desculpe a sinceridade, já falei muito isso, mas tudo bem, não me canso...

Todos os dias de minha vida, acordei, saí da cama e fiz algo pelo heavy metal.

E na boa? Num precisava...

Vim de uma família de classe média paulista onde minha mãe era cantora de MPB e meu pai, baterista de samba. Eu poderia ter muito bem ido pra outras ondas, mas não.

Justamente também por ser filho dessa classe média, poderia ter escolhido outras profissões, como desenhista, designer ou o que seja... Mas não. O sangue falou mais alto e resolvi fazer o que acreditava, o que fazia mais sentido pra mim. Ouvir aquela voz de dentro era o mais correto sem dúvidas. Mais tarde aprendi que aquilo se chamava intuição.

Por essa tal intuição, cá estou pra deixar claro pra todos, o descontentamento não só meu, mas de muitos colegas metaleiros que dividem dessa mesma depressão que a cena tem nos causado.

Porra, vocês são cegos?

Num percebem o que está acontecendo?

O METAL NACIONAL ESTÁ ACABANDO!!!

E o que essa meia dúzia de merdinhas fazem?

Jogam mais lenha na fogueira!

Dão mais motivos para os grandes meios fecharem mais as portas para essa cena já capenga que é o Heavy Metal Brasileiro.

Cena essa tão vasta e rica de outrora...

Onde não só ANGRA, SEPULTURA e SHAMAN apareciam, mas também WIZARDS, SYMBOLS, KAVLA, KRYSIUM, TUATHA DE DANNAN, VIPER, KARMA, SKYSCRAPER, TEMPESTT, HANGAR, HYBRIA, TORTURE SQUAD, KORSUS, DR. SIN... nossa!!! E por aí vai...

Percebem a riqueza desse “celeiro”???

E sabe o que muitas dessas bandas hoje em dia fazem? Se matam pra ter um pouco de espaço, um micro espaço pra poder continuar sobrevivendo... infelizmente falando das que ainda vivem, pois muitas delas entregaram os pontos... infelizmente.

Mesmo as consideradas “grandes”, quando não estão na estrada, estão se virando com outros trabalhos, pra poder colocar o arroz com feijão em casa, cuidar da família e ainda de quebra, lutar contra todo um sistema falido de rock, contra a mídia que insiste em fechar os olhos prum meio que certamente é um dos únicos que lota estádio e o pior... hoje em dia, contra os próprios fãs!!!!!!!!!!!!!!!

CARALHO!!!! O QUE É ISSO? QUE MERDA É ESSA??

Será que tá todo mundo cego?

Todos aprendemos na escola como o Brasil começou sua história, sendo “estuprado” pelos gringos, certo? Certo.

Então por que hoje em dia ainda vivemos como esses Índios mas pior, parecem GOSTAR do estupro... parecem querer mais???

Ainda dependemos dos “gringos” pra sobreviver!!!

Por que?

Por que só o que vem de fora presta e o nosso é uma merda?

Por que a grande maioria do povo insiste em não saber dizer se gosta ou não de uma banda, até ela ir pra fora e ser reconhecida?

Não venham me dizer que é pela língua, que porque cantamos em inglês, somos nós também “paga-paus” de gringos, porque num é isso. Todos sabem isso acontece, justamente é essa língua que nos permite levar mundo a fora nossa riqueza cultural e histórias como povo.

E caralho... o gringo nos ama!!!

Por que nossa própria gente não?

Por que brasileiro é tão ignorante ao ponto de cuspir no seu próprio produto e aplaudir o de fora, mesmo quando o que vem de lá muitas vezes não compreende a qualidade do fabricado aqui?

Será que num está na hora de começarmos não só a nos perguntarmos isso, mas na verdade a AGIR?

Será que num está na hora de começarmos a lotar estádios com o que é nosso? Com o que vem de nosso sangue?

Até quando só o gringo presta e nós fedemos?

Vocês querem o que? Um mapa? Um guia? Uma ajuda?

Ok, cá estamos. Podemos ajudar vocês a olharem pra o que é de vocês e levar isso pra frente.

E como Fazer isso?

Ué, é simples.

A primeira coisa é parar de apedrejar nossas bandas.

Se você gosta mais de uma do que de outra, uau... quer dizer que você é um ser humano e não que a outra num presta.

Parem de atacar os músicos de sua terra, em primeiro lugar, pois vocês não têm a menor idéia do que passamos pra que vocês possam BAIXAR essa porra, discos que fazemos e ainda se dão o direito de sair por aí difamando esses mesmos HERÓIS que dão o sangue pra que o METAL NACIONAL tenha ainda algum valor.

Parem e reflitam...

O que os deixariam mais contentes do que um evento no Morumbi, Pacaembu ou o raio que o parta, feito só de bandas nacionais?

Imaginem um evento, coberto pela GLOBO, RECORD, SBT, KISS FM, JOVEM PAN, UOL, BANDEIRANTES, televisionado pra todo o Brasil, feito só por bandas de heavy nacional!!

Um evento lotado, onde a banda nacional num está lá pra “abrir” a porra do show e muitas vezes tomar chuva de lata só pro gringo ter mais o prazer de dizer “são o 3o mundo mesmo!!” (Como já ouvi nego dizer por aí, frente uma cena dessas...).

Vocês conseguem imaginar?

Conseguem imaginar uma cena como a lá de fora, onde todos os músicos que vocês amam ou gostam ou pouco se fodem por eles, possam ter uma vida voltada pro Heavy, tendo sua base de fãs, fazendo shows e levando suas mensagens Brasil e mundo a fora e porra, podendo viver disso, sem ter que tomar porta na cara de TODOS os meios, comer merda de promotores que num estão nem aí pra sua banda, porque ela num é gringa ou porque num faz cover de uma gringa?

Imagina bandas animais como algumas das que citei acima e muitas outras, não tendo que acabar por falta de retorno, ou podendo viver plenamente disso, voltados apenas para seus discos e clipes e carreiras metálicas...? Imaginem a qualidade ainda mais alta por conta de num ter outra obrigação!!

Aí sim vocês poderiam criticar. Porra o cara só faz isso, então que melhore.

Sabe por que pergunto isso também?

Vejam quantas das bandas citadas acima ainda existem ou os grandes músicos que nelas atuaram ou atuam, onde estão?

Vocês acham que é isso que nós merecemos?

Por lutar por nossa música e representar nosso país mundo a fora... é isso que merecemos? Pedras e cusparadas de uma meia dúzia de otários que num merecem nem os dedos que tem já que os mesmos só servem pra teclar besteiras ou mesmo levantar o dedo do meio pra qualquer ação coerente prol Heavy Nacional...

Isso é uma vergonha!

E mais vergonha deles é de vocês, que deixam isso acontecer.

Vejam, está na hora de mudar esse cenário!

Está na hora de levantar e morder quem tem ódio contra nossa classe!

Levantem!!! Mordam!!!!

Peguem seus dedinhos e teclem para as grandes emissoras, os grandes meios pedindo heavy nacional!!!!

Disquem de seus telefones e celulares para as rádios pedindo heavy Nacional!

Escrevam para todos os meios!!!

Está na hora de se unir!!

Façam como nós... levantem todo dia de suas camas e façam algo pelo heavy metal nacional!

Chamem seus amigos agora no MSN, no Orkut, no facebook, twitter, myspace, hotmail, gmail... tudo que tiverem e convidem as pessoas para ouvirem as bandas nacionais.

Encham os sacos de todos, sejam chatos, criativos, sejam amigos, colegas, malas ou a puta que o pariu, mas caralho, façam algo pelo estilo que amam!!!

Ou senão galera, o que já está minguido, a tendência é acabar...

Eu, com minha vontade aqui, estou falando em encher estádios só com o metal nacional, mas a atual situação é bem distante disso...

E isso é muito triste.

Digo isso porque, mais uma vez, todo dia eu levanto e faço algo pelo heavy metal nacional... há 16 anos. E num é fácil pra mim, lhes garanto e certeza que num vai ser fácil pra vocês. Mas se todos aqui começarem a plantar suas sementes, eu juro que logo



seremos muitos e unidos teremos uma cena forte, onde toda banda tenha seu espaço. E essa porra de cena nacional pare de viver de bandas gringas, porque tem muito ouro aqui!

Tá na hora moçada!

Levantem e mordam!!!!!!!

Eu prometo que lá na frente vocês vão lembrar dessa época, com o mesmo desprezo que a grande mídia tem por nós.

Levantem e mordam!

O METAL NACIONAL é um dos melhores do mundo, está na hora do público também ser.

Sinceramente,

THIAGO BIANCHI

SHAMAN / KARMA / ARENA / PRODUTORA FUSÃO ESTÚDIOS  
([http://whiplash.net/materias/news\\_857/119453-shaman.html](http://whiplash.net/materias/news_857/119453-shaman.html))

A carta transcrita, apesar de conter erros de português, palavras e aparentar ser inadequada ao uso em uma pesquisa acadêmica, torna-se muito relevante ao argumento, pela repercussão que a mesma obteve – negativas e positivas – e por resumir o discurso da maioria das bandas de Heavy Metal que tive contato durante minha inserção em campo. A partir dessa carta, uma mobilização de vários agentes sociais foi estabelecida e uma atitude mais concreta foi idealizada: a tentativa de criação do “Dia do Metal Brasileiro”.

Durante o último trimestre de 2010, através de manifestos pessoais acerca do atual cenário do Heavy Metal nacional, acabei por tocar, não acidentalmente devo confessar, numa ferida extremamente aberta sobre o assunto.

É sabido por todos que um movimento “Metal Underground” sempre existiu, mas que, a meu ver, apenas esperava por uma chama que o inflamasse e o levasse à tona para os “holofotes” da cena “mainstream” da música brasileira.

Pois bem amigos, aqui está uma faísca que, quem sabe, pode dar início à essa chama.

Após divulgar os referidos manifestos, uma avalanche de e-mails e mensagens de apoio tomou minha caixa postal. Também nos “bastidores”, fui abordado por inúmeros amigos e colegas de segmento, me confidenciando partilharem desse mesmo sentimento “amargo” sobre a situação em que o metal se encontra por aqui, inclusive mostrando prontidão a ajudar no que fosse preciso, em prol do Metal Brasileiro.

Após muitas ideias trocadas com fãs, formadores de opinião, artistas, donos de casas, produtores e até advogados dispostos a se juntarem a causa, e claro, também junto à mídia que já nos apoia, chegamos a uma conclusão bem clara de que os elos estão prontos para se firmarem e iniciarem essa corrente que, com certeza, colocará o Metal nacional no seu devido lugar, no topo.

## **FOCO**

Sejamos diretos e busquemos a raiz dessa situação que se encontra o todo.

O problema central consiste, absolutamente, na FALTA de UNIÃO em TODAS as camadas que permeiam a cena, desde fãs a artistas.

E isso é entendimento pacífico.

Na busca por essa união, precisamos ser constantemente lembrados que uma corrente precisa existir. Precisamos de uma data, a qual nos lembre que o Heavy Metal brasileiro é algo precioso e que precisamos estar sempre alertas por sua existência, como nação.

Precisamos de uma data comemorativa anual, reconhecida pela legislação (ou não), que faça com que, naquela semana que a cerca, em todo o país, sejam realizados eventos e festas celebrando o HEAVY METAL NACIONAL em bares, pubs, casa de shows, muquifos... e, por que não, em estádios!?

## **DIA DO HEAVY METAL BRASILEIRO**

Um pouco de história.

Em meados de 77, após algumas mudanças em seu “line-up”, a banda “STRESS” de Belém/PA iniciava suas atividades, e no dia 13 de novembro de 1982 lançava aquele que viria a ser o primeiro disco de Heavy Metal brasileiro, o LP homônimo “STRESS”. Seu lançamento ainda seria feito de forma espetacular, no estádio do Paysandu, para mais de 20.000 espectadores. O feito, até para os dias de hoje, é definitivamente louvável.

Seguindo a premissa de que o “nascimento” de um movimento é batizado pelo primogênito de sua espécie, DIA 13 DE NOVEMBRO É O DIA DO HEAVY METAL BRASILEIRO.

Essa é uma data já reconhecida há algum tempo nos bastidores da cena nacional, e já está mais do que na hora de que seja oficializada e comemorada em todo o Brasil, anualmente.

## **COMO**

Como dito anteriormente, fãs de todos os níveis sociais e dos mais extremos cantos do país, se mostraram presentes para nos acompanhar nessa jornada e é justamente aí que mora o ponto “X” da questão.

Baseado na legislação para que se eleja a “comemoração de uma data ou movimento”, é necessário um abaixo assinado de, pelo menos, um milhão e trezentos mil nomes, a próprio punho (previsão sujeita a revisão, pois depende do número de eleitores brasileiros

em atividade), e sendo esse um caso de movimento nacional, deve-se estar envolvido o maior número de estados possíveis.

São muitas assinaturas? Sim, com certeza. Mas com um pouco de organização e vontade, nós podemos, todos juntos, cumprir essa meta.

E para provar isso, aqui estão algumas ações que já estão em prática para dar o pontapé inicial na OFICIALIZAÇÃO DO DIA DO METAL BRASILEIRO.

### **AÇÕES**

Não por acaso, essa corrente já vem sendo ensaiada por anos, principalmente por pessoas ligadas à própria mídia do segmento.

Esse é justamente o caso dessa galera de peso, que já chegou junto com o maior apetite pra um começo de jornada.

Trata-se de uma grande conscientização e temos que ter em mente que é sim um trabalho de “formiguinhas”, que, quando unidas, podem sim fazer a diferença.

Quando falei sobre acordar e fazer algo pela causa que acredita, está aí um começo!

Em alguns dias, divulgaremos um evento muito legal que, com certeza, dará ainda mais fôlego a quem está afim de ajudar nossa cena metálica.

Quanto a isso, aguardem mais detalhes!

### **ORGANIZAÇÃO DAS ASSINATURAS**

Chegamos à conclusão que, aqui em São Paulo, podemos nos comprometer a levantar cerca de 650 mil assinaturas e dividir as outras 650 mil para os outros estados. Isso vai exigir organização extrema. Portanto, exatamente no dia 20/01, colocaremos um site no ar, o [www.metalprolbrasil.com.br](http://www.metalprolbrasil.com.br), onde você entra, se cadastra, imprime sua ficha e pode começar a colher o máximo possível de nomes, RGs e assinaturas de pessoas à sua volta.

Não se esqueçam que não precisa ser necessariamente roqueiros: QUALQUER pessoa pode contribuir com sua assinatura, desde que realmente simpatize com a causa.

Se cada pessoa conseguir pelo menos 1000 assinaturas, é certo que batemos essa meta até o meio do ano, dando sequência ao nosso “ápice”.

### **ENCONTRO DO DIA 13/11**

Se será neste ano, ainda é cedo pra dizer, mas a ideia é comemorar o 1º dia do HEAVY METAL NACIONAL num encontro na PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA, no DIA 13 DE NOVEMBRO DE 2011.

Trabalhamos com essa ideia e consiste em fazer um dia memorável, com a presença em peso de caravanas e gente de todo o BRASIL, onde teremos um palco tocando METAL NACIONAL o dia inteiro, além de claro, celebrar nossa conscientização.

Esse será, com certeza, o marco de uma geração que não ficou “em cima do muro” pelo que acreditava.

Como disse antes, farei tudo que estiver ao meu alcance para que essa não seja uma tarefa de um homem só e, sim, de uma CENA, FORTE e UNIDA!!!

Agradeço aos sites especializados e blogs que têm me dado “voz” nessa luta.

Mais uma vez, deixo aqui meus contatos para informações e para quem quiser se juntar à nossa CORRENTE PELO FORTALECIMENTO DA CENA METÁLICA NACIONAL.

Thi.bianchi@hotmail.com  
contato@metalprolbrasil.com.br

Os interessados em representar sua cidade ou estado, no quesito de recolhimento de assinaturas, também devem, por favor, entrar em contato conosco pelos endereços citados acima.

Lembrando que, para que essa proposta tome forma, depende diretamente de TODOS NÓS!

Thiago Bianchi (thiagobianchi.com / twitter - @thibianchi - @shanimortal /  
estudiofusao.com / myspace.com/shanimortal)”  
([http://whiplash.net/materias/news\\_855/122543-shaman.html](http://whiplash.net/materias/news_855/122543-shaman.html))

Como parte das iniciativas previstas por esse movimento, um evento foi organizado no dia 06 de novembro de 2011 com título “Dia Do Metal – Edição Power Metal – Pelo 13/11 – Dia do Heavy Metal Nacional”, reunindo as bandas Shaman, Almah, Illustria, Hangar, Wizards, Hibria e Nando Fernandes, todos sob o slogan “O Heavy Metal brasileiro já está unido. E você?”. O evento teve o intuito de ser um dos pontapés iniciais nessa busca pela instituição e popularização da idéia de se criar um dia nacional do Heavy metal, que por sua vez, tem a intenção de fortalecer a cena local, através da realização de eventos voltados para o estilo e da procura de apoio de produtores locais, criando dessa forma um poder simbólico, que pela celebração do dia, faria girar capital e conseqüentemente crescer oportunidade às bandas locais.

Se por um lado o evento não trouxe o retorno financeiro almejado, por outro, ele colocou mais lenha na fogueira do debate sobre a realidade da cena do Heavy Metal nacional no Brasil. Após tocar para cerca de 300 pessoas, o vocalista do Almah, Edu Falaschi, concedeu uma entrevista de

10 minutos à Rock Express<sup>13</sup>, um canal de imprensa especializada, que acabou se tornando um grande desabafo, semelhante em alguns aspectos ao desabafo escrito pelo Thiago Bianchi, que também obteve enorme repercussão.

Em sua declaração, Edu Falaschi chega a decretar a morte do metal nacional, alegando que sem a presença do público e sem o apoio financeiro dos fãs na compra de CDs, DVDs e diversidades produzidos pela música Heavy Metal, não haverá condições das bandas nacionais conseguirem continuar produzindo. Ele argumenta que o público existe em peso e cita o grande sucesso comercial e retorno financeiro que os shows das bandas de Heavy Metal estrangeiro geram para os produtores, chegando a lotar estádios e arenas por todo o Brasil, mas por alguma razão esse público resolve supervalorizar as bandas estrangeiras em detrimento das bandas nacionais, que por sua vez gastam e dedicam muito tempo e dinheiro para produzir material de qualidade, muitas vezes até superior à maior parte do que é produzido no exterior. Para Edu, os fãs brasileiros pagam ingressos absurdos para ver atrações estrangeiras, mas não dão valor ao que é produzido aqui, ignorando toda a história e qualidade que o Heavy Metal nacional ofereceu e têm a oferecer. Em toda a entrevista, Edu mostra constantemente sua preocupação com a cena nacional, diz que todos os argumentos são válidos e baseados em sua experiência de vida dentro do Heavy Metal, tendo tocado em todos os continentes do mundo, com exceção da África. Ele afirma que a realidade brasileira não condiz e nem faz sentido comparada à realidade do Heavy Metal em todo o mundo, que por sua vez apresenta força, estabilidade e apoio às produções locais.

Posteriormente, no dia 11 de novembro de 2011, Edu novamente concedeu uma entrevista à revista Rolling Stone Brasil<sup>14</sup> – dessa vez muito mais controlado emocionalmente – reiterando seus argumentos e demonstrando sua frustração com a falta de apoio dos fãs brasileiros, que para ele se acomodam pelas facilidades que os novos meios midiáticos (como a Internet) oferecem, esquecendo de apoiar e participar da cena em seu momento mais importante, o show, um momento de interação entre fã e bandas, que sempre vai existir independente de todas as inovações tecnológicas que existem ou venham a existir. Para Edu, muitas das iniciativas de apoio dos fãs à cena local não acontecem mais como

---

<sup>13</sup> Como visto em [http://www.youtube.com/watch?v=RGUwpe\\_vFtw](http://www.youtube.com/watch?v=RGUwpe_vFtw)

<sup>14</sup> Como visto em <http://www.youtube.com/watch?v=O6yaHy-BOok>

antigamente, que isso é preocupante e não deveria acontecer, pois o Heavy Metal é uma potência no Brasil e não um estilo que deva ser marginalizado. Prova disso é sua extensa longevidade e resistência às várias tendências de mercado que ocorreram na música popular, desde que o estilo foi criado. Edu termina a entrevista para Rolling Stone dizendo que, se houver mudanças concretas das diversas partes envolvidas na produção da música Heavy Metal no Brasil, ele consegue enxergar um futuro brilhante para a cena, na qual o Heavy Metal pode fazer parte da música popular brasileira como um todo e ter cada vez mais importância econômica, social e cultural para o país.

Após das declarações do Edu Falaschi, choveram artistas querendo dar sua opinião, muitos concordando com as afirmativas e outros discordando da mesma. As opiniões eram diversas e contrastantes inclusive entre membros da mesma banda.

O Angra, banda de Edu Falaschi, chegou a dar uma declaração afirmando que Edu falava por si mesmo e não pela banda. Kiko Loureiro, guitarrista e companheiro de Edu no Angra, chegou a falar que Edu foi infeliz em suas declarações, que não concorda com elas e que ele pôs a culpa da atual situação da cena em quem não deveria, os fãs, criando uma situação chata entre os mesmos e Edu Falaschi. Para Kiko, é complicado apontar culpados onde eles não estão.

Se por um lado várias pessoas, como Edu, andam temerosas, outras, como a banda Korsus e a banda Shadowside pensam ao contrário. Eles acreditam que o metal nacional não passa por nenhuma crise e se encontra em seu melhor momento.

Entre tantas declarações interessantes, teve uma que trouxe outra perspectiva a respeito do assunto, que não se resumiu simplesmente ao discurso, mas sim, procurou estabelecer medidas concretas para ajudar a fortalecer a cena do metal nacional. Fernando Quesada, professor e coordenador da Universidade Ceunsp, do EM&T, produtor musical e baixista da banda Shaman – a mesma de Thiago Bianchi – enviou uma carta ao *site* Whiplash que pode ser lida abaixo:

Olá pessoal!

Dentro desse momento muito interessante que passamos no cenário do metal nacional, eu também quero expor a minha opinião, como alguém de dentro e fora dos bastidores.

Como alguns sabem, eu sou fã de metal melódico e power metal há mais tempo do que sou músico desse estilo de metal. Cresci ouvindo Angra, Shaman, Wizards, Hangar, Karma, Dr Sin e diversas outras bandas, e sempre imaginei muitas coisas de fora dos bastidores antes de entrar no Shaman e hoje vejo tudo de outra maneira, por isso queria esclarecer algumas coisas com a minha opinião de ao mesmo tempo fã e músico!

Primeiro gostaria muito de agradecer ao Thiago Bianchi e a todos envolvidos e bandas no evento que tive o prazer de rever e conhecer e principalmente aos fãs que estavam presentes no evento que fizeram esse primeiro passo ter resultado. E realmente colocar aqui que, se existem culpados pelos shows não estarem lotados, na minha opinião, não são os espectadores, fãs ou consumidores das bandas. Se uma pessoa escolhe não ir a um show, tem algum motivo pelo que ela não foi cativada, e todos tem o livre arbítrio para irem ou virem como quiserem. Então de novo agradeço aos que foram e também agradeço aos que escreveram sobre o evento, que deram opiniões e fizeram um barulho sobre isso, mesmo não tendo ido ao evento!

E qual seria o culpado pela decadência desse estilo e shows vazios? De novo, na minha opinião, não existe culpado. O próprio cenário musical, de década em década, renova o estilo em evidência e faz com que os estilos e bandas sejam cíclicas. E isso não é culpa de nada e nem ninguém e nem é algo ruim. Música é comunicação! Veja como a comunicação mudou nos últimos anos, e me pergunto se a música também não iria mudar! E durante essas mudanças do meio, por que o metal melódico e power metal não ficaram em evidência? O nosso estilo não é um estilo de massa, é um estilo para poucos que gostam e apreciam. É uma música feita pra apreciação e análise instrumental e vocal, que hoje em dia não faz parte do que a massa entende por ouvir música. É um estilo que não segue um padrão visual de massa também e é um estilo que foi atual na década de 90 e começo dos anos 2000. Resumindo o metal não procurou e não procura ser atual e fazer um som de mentira para agradar gregos e troianos. E esse é o lance legal do METAL! O metal é um estilo de vida. A paixão, adoração pelo estilo e fazer por paixão aquilo da maneira mais natural e verdadeira sem acompanhamento de tendências mercadológicas.

Só que nós, profissionais do meio, temos que saber que isso traz conseqüências e realmente faz gerar o que aconteceu com diversos outros estilos: que é fazer parte de um cenário Underground onde vão existir momentos muito difíceis como este que estamos passando, onde não existe divulgação grande para shows, eventos, lançamentos e nem muita estrutura física e financeira para grandes feitos e grandes aparições que fazem o estilo musical ficar em evidência novamente. Realmente quando o estilo não fica "popular", ele perde audiência e como conseqüência temos o que percebemos no metal melódico, que é um grande número de fãs acompanhando, mas espalhados por aí. Então fica normal e faz parte do processo cíclico da música, um período com menos gente nos shows mesmo! E ainda, não ter gente nos shows como tinha antes significa um envelhecimento natural dos fãs que não tem mais tempo e nem faz parte do habitual comparecer em shows. Trabalham o dia todo, todos os dias na semana e muitas vezes por não querer gastar ou estar cansado, também não vão a shows. Isso é natural e faz parte da escolha de cada um! Nem por isso deixam de apreciar o estilo e fazer parte da cena!

E como fazer para lidar com isso?

Durante muito tempo, o metal melódico se deu ao luxo de ter muita rivalidade entre bandas, Egos fora do comum reinando nas bandas, produtores de shows que fazem monopólios, desrespeito com bandas mais iniciantes por parte das bandas maiores, concorrência entre artistas, diretores de mídias pretensiosos e imparciais e fãs que criticam muito e de maneira muitas vezes prejudicial ao meio, por tanta agressividade e falta de análise. Agora neste momento o que se precisa é a união! Isso já foi provado com diversos outros estilos musicais que caíram e se uniram para se recompor com estratégias e planos. Esse foi o intuito único desse evento. Uma oportunidade de conversa entre as bandas e um encontro dos fãs, para de boca a boca poder mostrar a qualidade da nossa música novamente e cativar mais pessoas para irem aos shows!

Então, o que está acontecendo hoje no estilo é um fato histórico e os culpados por isso se mantêm e não dão a volta por cima são as bandas, produtores, fãs que criticam publicamente de maneira prejudicial, assessores e empresários que não conseguem mais cativar o público de uma maneira que façam com que saiam das casas para ir aos shows e não conseguem uma união real de ações e atitudes. Se essa união e essa força não ocorrerem, realmente não irá ter a aparição de novos fãs e os fãs antigos perdem os hábitos joviais de ir a shows e perseguir uma banda onde quer que ela esteja.

O fato de falarem que o metaleiro é "paga pau de gringo" nada mais é do que falar que quase todo brasileiro é "paga pau de gringo". Somos um país e um povo que tem por cultura a admiração pela cultura estrangeira, desde bandas, marcas, roupas, alimentos, séries de televisão, filmes etc... Sempre fomos assim, é só andar na rua e ver uns escritos em inglês por todas as placas, ou ouvir um som e ver que é cantado em inglês! Isso é uma coisa normal! É normal irmos a um show gringo de alguém que está longe de nosso alcance e prestigiar essa diversidade cultural. As bandas, mesmo de metal, lutam para ir para fora tocar! Então, elas são paga pau de gringo? Não é bem assim! Isso tem a ver com a nossa cultura. As pessoas ainda lotam os shows do Metallica, Iron, Bon Jovi, porque são cativadas para irem e tem vontade de ir. Porque estes não são divulgados como mídia underground e ainda atingem um público maior, com uma estrutura melhor, o que gera vontade e curiosidade!

Então, estamos com esse problema de cativação e organização do próprio meio para gerar novos fãs e mais vontade das pessoas em acompanhar e seguir tudo isso.

De verdade, não acho que o METAL NACIONAL está acabando, até por que nem vou falar do Thrash, Death e Heavy Metal, pois não estou inserido para saber exatamente o que acontece, e também não acho que o Metal Melódico e o Power Metal nacional também estejam acabando. Converso com bandas que surgem e os mesmos estão felizes, correndo atrás do seu trabalho. O que mudou foi o meio, e o que precisa mudar é a mentalidade dos líderes desse estilo, pessoas que acham que tudo é igual há 20 anos e nada neles têm que mudar. O meio mudou e muita gente precisa perceber que talvez um show de 300 pessoas hoje não represente um fracasso, como representava 20 anos atrás, mas, sim, represente um momento que quem quer ver ao vivo, vai lá, mas muitos outros vão ver pela internet, pelo celular e não vão sair de casa. Mas, mesmo assim, vão comentar e acompanhar. Para mim fazer um show de 300, 500 pessoas hoje representa um show para 5.000 amanhã que verão isso. Então eles têm que procurar entender as mudanças do meio e aprender a lidar com isso.



Por isso, para finalizar, essa é apenas a MINHA OPINIÃO PESSOAL! Eu agradeço demais a todos que foram ao evento e a todos que entram em foruns para elogiar e criticar, de maneira benéfica, por que, mesmo não indo aos shows, continuam fazendo a cena existir e se movimentar.

Nós, músicos, temos a obrigação de continuar tocando, fazendo o melhor, esperando e tendo atitudes para que nosso meio volte a ficar fortalecido.

Fiquei muito feliz com esse Primeiro Dia do Metal! Foi realmente impressionante ver a qualidade e força de todas as bandas lá presentes HANGAR, ILLUSTRIA, WIZARDS, NANDO FERNANDES, HIBRIA, ALMAH e SHAMAN. Espero que continue tendo eventos dessa magnitude com cada vez mais frequência e, se cada um que tiver cativar mais 10 pessoas, vamos estar no caminho certo de deixar o nosso estilo de volta em evidência. Qual fã ou músico não quer ligar a rádio e ouvir um bom e trabalhado metal melódico e power metal?

Agradeço a todos que trabalham 8hrs por dia e ainda tem a vontade de entrar na internet e fazer um comentário sobre as bandas! Isso é ser fã. Não ir em show ou ir é só uma questão de poder ou não poder, de querer ou não querer. O importante é continuar acessando, conversando e movimentando tudo juntos!

De novo, obrigado a todos. Meu twitter é @fernandoquesada e estou a fim de discutir isso, esclarecer tópicos para, juntos, podermos fazer o melhor possível!

Abraço a todos! E vamos fazer mais edições desse evento e como eu gosto de dizer também, quantidade não é qualidade, mas quando a qualidade existe é inevitável a quantidade em médio e longo prazo! Por isso, acredito, e não importa se tem uma pessoa ou 30.000 eu vou fazer o meu trabalho para crescer e fazer as pessoas se identificarem!

[http://whiplash.net/materias/news\\_845/141922-shaman.html](http://whiplash.net/materias/news_845/141922-shaman.html)

O argumento acima expõe uma visão diferente e, a meu ver, um pouco mais analítica e menos emocional. Encontram-se em todos esses discursos pontos fundamentais do que tem sido discutido e do que tenho visto na cena do metal brasileiro.

Outro fato importante sobre o posicionamento do Fernando Quesada é a iniciativa que ele resolveu criar em prol da cena, um ato típico muito relevante que caracteriza a lógica de organização e cooperação do *underground*. A iniciativa, descrita abaixo, acaba se tornando um exemplo dos tipos de atos praticados dentro do *underground* que justificam a longevidade e a relativa independência com relação ao *mainstream* da produção do gênero musical em questão.

Em 17 de novembro de 2011, Fernando Quesada soltou um *pré-release*, no qual se compromete a realizar o que ele chama de “Dia do Metal – Edição Power Metal em Estúdio”, como parte das homenagens ao dia 13 de novembro, o “Dia do Heavy Metal Nacional”. No texto ele explica que a maior prova de que o metal nacional não está morto é a grande quantidade de respostas e a grande mobilização que houve na Internet perante esses fatos. Por ser produtor musical, então, ele quer fazer sua parte e dar uma chance para cinco bandas de Power Metal da sua região – incentivando também outros produtores a fazerem o mesmo em outros estilos do Metal e em outras regiões – a fim de terem um *single* bem gravado, tendo em vista que muitos acabam falando da falta de qualidade no metal nacional, por falta de oportunidade. Com o apoio da Universidade CEUNSP, do estúdio TEOCHI e das escolas CUSTOM e EM&T, Fernando Quesada abre as inscrições e vai selecionar cinco bandas que terão seus *singles* gravados para a divulgação na Internet. Um fato muito interessante no critério de seleção por ele citado é sempre presente nos discursos dos produtores locais da cena *underground*, ele explica que irá selecionar as bandas vencedoras de acordo com a história delas, priorizando as que mais correram atrás e batalharam pelo metal nacional, mas acabaram nunca tendo a oportunidade de aparecer. Tal argumento é sempre utilizado nas produções de metal *underground*. Também obtive respostas muito semelhantes do produtor brasileiro Fábio Marreco, em relação ao critério utilizado para a seleção das bandas que participam do Marreco’s Fest.

Independente de qual seja a opinião, o fato é que existe algo na atualidade que está mudando, e muito, a lógica de organização do Heavy Metal e da música como um todo, seja ela *mainstream* ou *underground*. Tal crise é mais sentida por uns que por outros, mas independente disso, sempre há sinalizações de preocupação por todos os lados, fazendo o mundo do metal nacional ficar em estado de alerta constante.

### **3.2 - O Heavy Metal e a crise do mercado fonográfico**

A lógica de consumo no mundo da música sofreu alterações drásticas nos últimos anos. Consumidores têm encontrado inúmeras alternativas de consumo inexistentes até pouco tempo atrás. A queda

significativa no lucro dos artigos de música vendáveis, em especial o CD físico – que representava a maioria absoluta de capital acumulado através da venda de música –, o decréscimo constante de capital anual movimentando pelo consumo da música de todos os gêneros (com exceção do capital acumulado das turnês e shows ao vivo) e a maior dificuldade de emplacar ídolos globais de longevidade geram o que as grandes gravadoras e os meios midiáticos classificam como crise do mercado fonográfico.

O cenário de crise no mercado fonográfico *mainstream* foi possibilitado por uma série de fatores como:

1 – O aumento da diversidade dos meios midiáticos de divulgação e de imprensa; as rádios, televisões, cinema, revistas e jornais já não obtêm o mesmo nível de influência no consumo tão elevado quanto antigamente; ganham força a Internet, os videogames e os meios midiáticos especializados do cenário *underground* e do mercado independente. Quase todos os ídolos musicais de atualmente, mesmo que alguns sejam passageiros e sem nenhuma perspectiva de longevidade, tiveram seu sucesso alavancado pela Internet. Podemos exemplificar o ídolo global adolescente Justin Bieber e os ídolos adolescentes do Brasil Restart que construíram a bases de suas carreiras na internet. No Heavy Metal também temos o exemplo da banda Dragonforce, sucesso no YouTube e no game Guitar Hero. Há até aqueles que constroem sua carreira musical baseada na brincadeira e na piada, movimento com muito mais visibilidade devido o advento da Internet. Posso citar como exemplos internacionais o Antoine Dodson e o Auto-Tune The News com a música “Bed Intruder”, a Rebecca Black com “Friday” e, no Brasil, os Avassaladores com a música “Sou Foda” e a Stefhany Absoluta.

2 – Inovações tecnológicas dos meios de produção musical e democratização do acesso a esses meios de produção. Se há pouco mais de uma década atrás era necessário um estúdio de mais de meio milhão de reais cheio de racks e equipamentos caríssimos para obter uma gravação de qualidade, hoje, com a evolução e popularização da tecnologia de gravação e emulação digital, essa possibilidade se tornou muito mais barata, sendo preciso basicamente um computador com alguns periféricos. É óbvio que há diferenças de qualidade significativas entre algo produzido em um estúdio profissional e algo produzido em um computador

caseiro com equipamentos limitados, mas não há dúvidas que produzir algo aceitável ou muito bom em um Home Studio, dependendo do conhecimento do engenheiro de gravação, hoje em dia é possível, muito mais acessível e popular.

3 – A vulgarização da pirataria na Internet, ao mesmo tempo em que fere o princípio do direito autoral, amplia e democratiza o acesso a informação e ao consumo de bens a classes sociais ou locais impossibilitados de os terem por alguma razão específica. Não cabe aqui fazer juízo de valor sobre o quão correto ou incorreto a utilização de produtos advindos da pirataria é, mas simplesmente elucidá-la como um fator de influência importante para a dinâmica do mercado de consumo e produção fonográfica. O fato é que muitos órgãos legais e músicos pelo mundo mostram uma tendência a não considerar a pirataria como crime, desde que a mesma seja somente utilizada para consumo próprio, ou seja, a partir do momento que alguém comercializa algo através da pirataria e tiram lucros dessa atividade, isso é considerado crime e passível de punição.

Tais fatores implicam em mudanças estruturais na dinâmica da produção musical. O prejuízo que as grandes gravadoras vêm sofrendo nesse período mudou o modo de contratação de novos artistas.

Antigamente eram as bandas e os artistas que procuravam as gravadoras. Corriam atrás de audições para possíveis contratos, se algum produtor gostasse do que tinha escutado e achasse que aquele artista tem talento, qualidade e que valeria a pena apostar nele, ele o contratava e fazia todo o trabalho de divulgação necessário para torná-lo um sucesso. Isso incorria em um risco do público não aprová-lo. Com a instabilidade do mercado e a queda nas vendas, as gravadoras passaram a ter menos conforto e não podiam mais se dar ao luxo de correr o risco de investir em um artista que não traria retorno financeiro à mesma.

Hoje em dia a lógica mudou completamente. Não é mais o artista que procura as gravadoras. São as gravadoras que procuram os artistas. O produtor visionário que enxerga a genialidade de um artista desconhecido se torna cada vez mais raro e praticamente inexistente. A arte em si, o talento e a qualidade passam a não ter nenhuma importância na produção musical *mainstream*. Pelo menos não no que concerne a contratação de

novos artistas. É óbvio que existem novos trabalhos de qualidade surgindo no *mainstream*, mas não foi essa qualidade a determinante para os artistas terem conseguido o contrato e posteriormente o sucesso. As contratações de novos artistas no *mainstream* seguem uma lógica completamente econômica, no qual o lucro é ponto principal. A única preocupação das gravadoras nesse caso são os números. Elas querem saber se o artista tem uma base de fãs consolidada, quantas visualizações há em seu site e em seus vídeos no YouTube, quantos CDs independentes o artista conseguiu vender, quantas pessoas em média comparecem em seus shows, etc. São essas informações o importante a se saber, pois com essas informações, a gravadora poderá calcular o quanto investirá no artista e o quanto poderá ganhar em cima do artista.

Tal lógica de mercado entra em consonância perfeita diante do cenário de crise atual e também só se torna possível graças às condições enumeradas acima, em especial a referente às inovações tecnológicas dos meios de produção musical que permitem às bandas, de forma independente, produzir simplicidade com qualidade e dessa forma conquistar seu espaço através das mídias alternativas, principalmente a Internet.

Todos os artistas e bandas passaram a buscar seus objetivos sobre essa lógica de produção musical. A própria noção de direito autoral é modificada e passa a não representar importância nenhuma a quem não é artista grande. Uma prática comum das bandas independentes atuais é disponibilizar seu material para *download* completamente gratuito em seu *website*. Pois a visibilidade através dessas mídias, mesmo que de graça, é mais importante e traz mais retorno financeiro do que qualquer coleta de taxas referentes ao direito autoral da música em questão. A influência das mídias alternativas, em especial a Internet, é tão grande para o sucesso – que por sua vez possibilita as condições financeiras para produzir a arte – que até os artistas do *mainstream* mais consolidados estão procurando cada vez mais se inserir nesse espaço. A cada dia que passa, mais artistas tem seus próprios canais no YouTube, MySpace e entram em contato com seus fãs ativamente através de contas no Twitter e no Facebook. Pois quando mais visibilidade o artista tiver, mais investimentos de divulgação por parte da gravadora o mesmo terá. E onde o Heavy Metal entra nisso tudo?

O Heavy Metal se encontra em situação privilegiada em relação ao Pop nessa crise do mercado musical. Dados explicitados por Leite Lopes

(2006) mostram que o Heavy Metal e o Gospel são os gêneros que menos sofreram com a crise em questão. Tal evidência se justifica pela presença de um mercado especializado – o *underground* – consolidado, longo e possuidor de relativa independência em relação ao mercado *mainstream*.

Em um contexto em que a música ao vivo – em outras palavras, a música como experiência – ganha maior valor quando comparada à música gravada (ver Dias, no prelo), a cena *underground* ocupa uma posição vantajosa. Como temos visto, o Heavy Metal é mais do que um gênero musical registrado em um CD. Ele é vivenciado como um “estilo de vida” – não se afetando tão diretamente pela crise do mercado fonográfico. Ainda, mesmo quando o foco recai sobre o som gravado, muitos estudos têm apontado para o fato de que a crise atual diz respeito particularmente às grandes gravadoras (Sony/BMG, Warner Music, EMI e Universal). Argumenta-se que pequenas gravadoras independentes mundo afora têm, ao contrário, crescido em valor (ver, por exemplo, o trabalho de Williamson e Cloonan, 2007).

Vale salientar, ainda assim, que a independência do Heavy Metal em relação ao *mainstream* precisa ser sempre tomada em termos relativos. Como temos visto ao longo de todo este trabalho, a dinâmica do mercado *mainstream* influencia bastante a produção no cenário *underground*; alguns aspectos servem ao fortalecimento da cena e outros ao enfraquecimento da mesma. Como tenho procurado enfatizar aqui, não podemos tomar estes dois cenários – o *underground* e o *mainstream* – como domínios estanques, em oposição. Todos os discursos aqui apresentados, por parte de fãs, músicos e produtores, revelam a constante negociação entre as duas esferas.

Essa não completa independência do *underground* em relação ao *mainstream* e o intermitente diálogo que há entre ambos geram conflitos constantes que interferem no sonho do projeto romântico do mundo artístico operário, o viver de Heavy Metal, viver da arte pela arte. Dentro dessa perspectiva é que entram os vários desabafos e discursos acerca da realidade do Heavy Metal atual, vindos principalmente daqueles que experimentaram o sabor do sucesso advindo de uma lógica de mercado completamente diferente e que agora encontram dificuldades para administrar seus objetivos e anseios profissionais diante dessa nova realidade.

A lógica do mercado musical mudou e o Heavy Metal mudou junto a ela. Se no Brasil de antigamente, como muitos a mim disseram, uma banda para fazer sucesso deveria primeiro conseguir reconhecimento no exterior e ser apadrinhado da revista *Roadie Crew* para posteriormente voltar a seu país de origem como heróis – sendo esse o caminho almejado por muitas as bandas da época –, hoje isso já não basta. A revista *Roadie Crew* já não conta com a mesma influência de outrora e a democratização do acesso a Internet acirra as competições de mercado entre as bandas, tornando o público cada vez mais seletivo e criterioso diante de uma infinidade de possibilidades de consumo muito maior. Hoje em dia, sair do país é muito mais fácil e acessível, não sendo também uma garantia de retorno financeiro no Brasil. Várias bandas de Heavy Metal saíram do país e mal são conhecidas aqui.

O crescimento da cena Heavy Metal no Brasil, principalmente depois do *boom* de 2000, também mudou muito a visão e direcionamento de mercado das bandas. Se no momento de crise da cena local, como há algumas décadas atrás, na qual a cena mal existia, as bandas direcionavam sua produção, seu marketing e divulgação quase que completamente para o exterior, no momento de alta as coisas se invertem. Muitas bandas hoje em dia, apesar de produzirem música global, com letras em inglês, direcionam seu mercado quase que exclusivamente para o Brasil, pois sabem que aqui é o seu mercado mais forte.

As bandas atuais de Heavy Metal estão andando em caminho semelhante ao de todas as outras bandas. Procuram seu espaço cada vez mais nas mídias alternativas e independentes, procurando consolidar cada vez mais o *underground*. A vantagem que elas levam sobre as outras é a de ter um público fiel, caracterizado por ser colecionador e por preservar a qualidade como um de seus mais importantes atributos, assim como por ter um mercado paralelo e independência relativa, que apesar de mudar de tempos em tempos, na qual um subgênero está mais na moda do que outro, sempre se mantém resistente às pressões das crises maiores no cenário *mainstream*. A desvantagem é que o Heavy Metal nunca esteve realmente presente no *mainstream* e dentro da lógica de mercado que permite ao artista viver e enriquecer com seu trabalho mais facilmente, mesmo que por um curto período. O Heavy Metal apenas teve alguns flertes com esse cenário. Com exceção das grandes bandas clássicas que venderam dezenas de milhões de discos e que todo ano arrecadam mais dezenas de milhões de dólares em suas turnês mundiais, a grande maioria das bandas de

Heavy Metal vive quase que exclusivamente do *underground*. Por mais que os selos e gravadoras especializados no estilo tenham vínculo direto com gravadoras maiores do *mainstream*, não há como negar que mesmo essas bandas de sucesso expressivo, vivem em um cenário de relativa independência e com apoio esporádico das mídias de massa não especializadas.



## CONCLUSÃO

O Heavy Metal mostra ser um movimento global forte, solidificado, de extrema importância para o cenário musical e que, apesar de ser ignorado, subestimado e vítima de preconceitos da maior parte da população, consegue estabelecer uma dinâmica cultural e mercadológica de relativa independência. O cenário *underground* justifica sua longevidade e mostra que independente do que ocorrer no mercado musical, o Heavy Metal sempre estará lá, em alguns momentos passando por mais dificuldades e em outros momentos com menos, em alguns momentos dialogando, aparecendo e tirando proveito da mídia de massa não especializada e em outros momentos quase que completamente alheio a ela.

A suposta crise do mercado musical, a meu ver, pode ser comparada com a atual crise econômica mundial, onde na verdade há uma distribuição de poder e não necessariamente uma perda dele. No caso da crise econômica, percebemos os países emergentes, em especial aqueles que compõem o BRIC, saindo mais fortalecidos em relação às economias hegemônicas. No caso da crise do mercado fonográfico, as mídias especializadas alternativas, em especial a internet, passam a exercer mais poder em relação às imprensas ligadas ao *mainstream*. Tal cenário traz conseqüências positivas e negativas à produção musical, sejam elas *underground* ou *mainstream*.

A criação de ídolos e artistas longevos se torna cada vez mais difícil para ambos os cenários. O *mainstream*, com intuito de evitar prejuízos, passa a investir na produção de artistas sazonais e com data de validade que sejam capazes de garantir retorno financeiro rápido, as tendências passam a se modificar de forma cada vez mais rápida e as músicas são produzidas baseadas em fórmulas prontas, que caso tenham tido sucesso comercial com algum artista específico, rapidamente são apropriadas por outros artistas que queiram abocanhar um pedaço desse bolo.

Apesar de todo o alarde que há na cena *underground* do Heavy Metal, ilustrado aqui através dos desabafos do Thiago Bianchi e do Edu Falaschi, não vejo crises reais. Isso mais parece desespero de quem encontra dificuldades de se adaptar à nova realidade do mercado musical.

O *underground*, a meu ver, sai fortalecido pela perda de poder das mídias não-especializadas e pela maior acessibilidade a produção musical de qualidade, decorrente dos avanços tecnológicos e desenvolvimento da gravação digital. Porém, apesar de saírem mais fortes, o *underground* não pode se dar ao luxo de se isolar da realidade que lhe é apresentada. O *underground* é, sem dúvida, portador de relativa independência em relação ao *mainstream*, mas as negociações entre esses dois cenários sempre existirão.

As perspectivas para a cena no Brasil não são ruins. A estabilidade e prometida freqüência na produção de dois dos maiores festivais do país como o Rock In Rio e o SWU (que dão espaço significativo a atrações do gênero) assim como a primeira edição do Metal Open Air (festival destinado exclusivamente a artistas do gênero), além da ascensão econômica do Brasil e sua entrada cada vez maior na lógica global, trazem a possibilidade de mais flertes do Heavy Metal junto ao *mainstream* e que claramente trazem mais investimentos e reflexos positivos para a preservação e expansão do cenário do *underground* do Heavy Metal.

No que concerne às produções acadêmicas, espero que a presente dissertação sirva de estímulo para a produção de novos estudos direcionados ao Heavy Metal, que possam enriquecer a discussão e o entendimento da dinâmica cultural do grupo em questão, preservando a rica história de um movimento tão relevante para a música e cultura global, porém tão negligenciado.

## BIBLIOGRAFIA

BECKER, Howard. **Art worlds**. Berkeley: University of California Press, 1982.

BERGER, Harris. **Metal, Rock, and Jazz: Perception and the Phenomenology of Musical Experience**. Wesleyan University Press, 1999.

CAMPOY, L. C. “Esses Camaleões Vestidos de Noite. Uma etnografia do underground heavy metal em Curitiba”. **Revista Sociedade em Estudos**, v. 1, p. 37-54, 2005.

CAMPOY, L. C. . “O mal no black metal e o black metal na cidade”. **Os Urbanitas** (São Paulo), v. 8, p. 12, 2009.

CAMPOY, L.C. "**Trevas sobre a Luz**": um sentido cultural do heavy metal. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Paraná, 2005.

CAMPOY, L. C. . **Trevas na cidade: o underground do metal extremo no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

DIAS, J. B. . “Live Music in the Age of Digital Reproduction”. In: HART, Keith; SHARP, John (orgs.). **The Human Economy: Perspectives from the South**. Nova York: Berghahn, no prelo.

DUNN, Sam e MC FAYDEN, Scot. **Global Metal**. S/L Warner, 2008, Documentário. 2 DVDS.

DUNN, Sam e MC FAYDEN, Scot. **Metal: a Headbanger's Journey**. S/L Warner, 2006, Documentário. 2 DVDS.

GEERTZ, Cliffors. “‘Ethos’, visão de mundo e símbolos sagrados”. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

HEIN, Fabien. **Hard Rock, heavy metal, metal: histoire, cultures, praticants**. Paris, Mélanie Séteur, 2004.

JANOTTI JR, Jeder. **Heavy Metal e mídias: das comunidades de sentido aos grupamentos urbanos**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2002.

LEITE LOPES, P. A. **Heavy Metal no Rio de Janeiro e dessacralização de símbolos religiosos : a música do demônio na cidade de São Sebastião das terras de Vera Cruz**. Tese de Doutorado em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

LEITE LOPES, P. A. **Esse povo de preto: o heavy metal e a estética de uma outra “negritude”**. Porto Alegre, 2007. Disponível em [http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=120](http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=120) . Acesso em: 8 de setembro de 2009.

LÉVI-STRAUSS, **História de Lince**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

ROCCOR, Bettina. “Heavy Metal: forces of unification and fragmentation within a musical subculture” . **The World of Music**, n. 42, v.1, 2000, pp. 83-94.

VELHO, G. A. ; PICCOLO, F. D. ; BARRETO, A. S. ; COSTA, S. S. ; BENITEZ, M. E. D. ; LEITE LOPES, P. A. ; MAFRA, P. . “Mundo heavy metal no Rio de Janeiro”. In: Gilberto Velho (org.). **Rio de Janeiro: cultura, política e conflito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p. 156-190.

WALSER, Robert. **Running with the Devil: power, gender and madness in heavy metal music**. University Press of New England/ Wesleyan University Press, 1993.

WALSER, Robert. “Eruptions: heavy metal appropriations of classical virtuosity”. In: GELDER, Ken e THORNTON, Sarah. **The subcultures reader**. Londres, Routledge, 1997.

WEINSTEIN, Denna. **Heavy Metal: the music and it’s culture**. Da Capo Press, 1991/2000 (edição revista).

WILLIAMSON, John; CLOONAN, Martin. “Rethinking the music industry”. **Popular Music**, v. 26, n. 2, p. 305-322, 2007.

### Sítios consultados

[HTTP://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b7/Metal\\_Genealogy.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b7/Metal_Genealogy.jpg)

[HTTP://www.abpd.org.br](http://www.abpd.org.br)

[HTTP://www.aeweb.tv/br](http://www.aeweb.tv/br)

[HTTP://www.americanidol.com](http://www.americanidol.com)

[HTTP://www.angra.net](http://www.angra.net)

[HTTP://www.billboard.biz](http://www.billboard.biz)

[HTTP://www.billboard.com/features/top-25-tours-of-2009-1004053062.story#/features/top-25-tours-of-2009-1004053062.story](http://www.billboard.com/features/top-25-tours-of-2009-1004053062.story#/features/top-25-tours-of-2009-1004053062.story)

[HTTP://www.billboard.com/features/top-25-tours-of-2010-1004134022.story#/features/top-25-tours-of-2010-1004134022.story](http://www.billboard.com/features/top-25-tours-of-2010-1004134022.story#/features/top-25-tours-of-2010-1004134022.story)

[HTTP://www.billboard.com/features/top-25-tours-of-2011-1005641362.story#/features/top-25-tours-of-2011-1005641362.story](http://www.billboard.com/features/top-25-tours-of-2011-1005641362.story#/features/top-25-tours-of-2011-1005641362.story)

[HTTP://www.blabbermouth.net](http://www.blabbermouth.net)

[HTTP://www.grammy.com](http://www.grammy.com)

<http://www.marrecosfest.com.br/festival.html>

[HTTP://www.metalopenair.com](http://www.metalopenair.com)

[HTTP://www.metalhistory.com](http://www.metalhistory.com)

[HTTP://www.mtv.com](http://www.mtv.com)

[HTTP://www.mtv.uol.com.br](http://www.mtv.uol.com.br)

[http://www.poraodorock.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=42%3Ao-festival-porao-do-rock&catid=3%3Ao-festival&Itemid=4&lang=pt](http://www.poraodorock.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=42%3Ao-festival-porao-do-rock&catid=3%3Ao-festival&Itemid=4&lang=pt)

[HTTP://www.riaa.com](http://www.riaa.com)

[HTTP://www.roadiecrew.com](http://www.roadiecrew.com)

[HTTP://www.rockinrio.com.br](http://www.rockinrio.com.br)

[HTTP://www.rollingstone.com.br](http://www.rollingstone.com.br)

[HTTP://www.swu.com.br](http://www.swu.com.br)

[HTTP://www.vh1.com/shows/that\\_metal\\_show/series.jhtml](http://www.vh1.com/shows/that_metal_show/series.jhtml)

[HTTP://www.whiplash.net](http://www.whiplash.net)

[HTTP://whiplash.net/materias/news\\_845/141922-shaman.html](http://whiplash.net/materias/news_845/141922-shaman.html)

[HTTP://whiplash.net/materias/news\\_855/122543-shaman.html](http://whiplash.net/materias/news_855/122543-shaman.html)

[HTTP://whiplash.net/materias/news\\_857/119453-shaman.html](http://whiplash.net/materias/news_857/119453-shaman.html)

[HTTP://www.youtube.com/watch?v=Bars4gg1ThI](http://www.youtube.com/watch?v=Bars4gg1ThI)

[HTTP://www.youtube.com/watch?v=GAo9X7az9b0](http://www.youtube.com/watch?v=GAo9X7az9b0)

[HTTP://www.youtube.com/watch?v=RGUwpe\\_vFtw](http://www.youtube.com/watch?v=RGUwpe_vFtw)

[HTTP://www.youtube.com/watch?v=O6yaHy-BOok](http://www.youtube.com/watch?v=O6yaHy-BOok)